



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

WIGNA BEGNA FERNANDES GARRIDO

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DE PROFESSORES DA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

CAJAZEIRAS – PB
2016

WIGNA BEGNA FERNANDES GARRIDO

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DE PROFESSORES DA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande - Campus de Cajazeiras/PB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof.Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes.

CAJAZEIRAS-PB

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

G241c Garrido, Wigna Begna Fernandes.

A construção da identidade profissional de professores da educação infantil/ Wigna Begna Fernandes Garrido. - Cajazeiras, 2016.

71p.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes.

Monografia(Graduação em Pedagogia) UFCG/CFP, 2016.

1. Educação infantil. 2. Formação de professores. 3. Identidade profissional.4. Professores-educação infantil. I.Fernandes, Dorgival Gonçalves.II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU-373.2

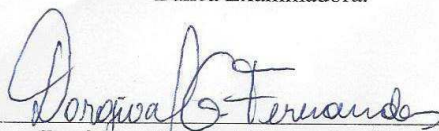
WIGNA BEGNA FERNANDES GARRIDO

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DE PROFESSORES
DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

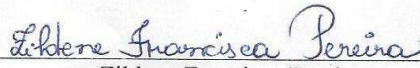
Monografia apresentada ao curso de Licenciatura
Plena em Pedagogia, do Centro de Formação de
Professores da Universidade Federal de Campina
Grande -de Cajazeiras - como requisito de
avaliação para obtenção do título de licenciado em
Pedagogia.

Aprovada em: 29/09/2016

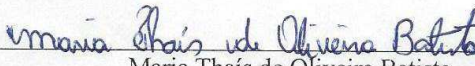
Banca Examinadora:



Prof. Dr. Dorgival Fernandes Gonçalves
(UAE-UFCG - Orientador)



Zildene Francisca Pereira
(Avaliador)



Maria Thais de Oliveira Batista
(Avaliador)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial na minha vida, ao meu orientador, aos meus pais, meus irmãos, aos meus avôs paternos e maternos (in memoriam), que sempre me apoiaram e principalmente, aos mestres que contribuíram significativamente para a minha formação humana e profissional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, autor do meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia.

Aos meus pais Neusa Fernandes Garrido e Antonio Oliveira Fernandes.

Aos meus irmãos, entre eles Joselito Fernandes Garrido, que sempre me incentivou nos meus estudos, inclusive em nível superior, sendo o maior responsável pelo seu término.

Aos meus seis sobrinhos amados que sempre souberam me encantar, influenciando na minha escolha pela profissão.

Aos meus tios Adriano Moreira e Áurea Cristina que, perto ou longe, me ajudam e torcem sempre por mim.

Agradeço a Elzanir dos Santos, por ser uma excelente professora, fazendo-me entender que tinha encontrado o meu lugar, a minha identidade profissional, por meio das suas aulas e ao fazer parte do seu grupo de pesquisa intitulado “Trajetórias de estudantes de pedagogia: da relação com a escola e com a universidade”. As suas orientações, seus incentivos e a sua dedicação que me orientaram e me ensinaram a ser uma pessoa melhor. Deixo aqui a minha gratidão e meu muito obrigada!

Ao meu querido professor e orientador Dorgival Fernandes o meu maior agradecimento pelo acolhimento, confiança, paciência e dedicação. Suas palavras sábias e fortalecedoras sempre presentes mostrando incentivo, “tranquilidade” e afirmando “tudo vai da certo!”, fez transformar o meu pensamento e conhecimento ao acrescentar novas expectativas de vida e de formação profissional, enriquecendo a minha formação. Obrigada!

A todos os professores da Unidade Acadêmica de Educação – Campus de Cajazeiras-PB. Cada um de vocês contribuiu para o crescimento e construção da minha identidade profissional.

Às professoras Luisa de Marillac Ramos Soares, Maria Thaís de Oliveira Batista e Zildene Francisca Pereira que aceitaram o convite se dispuseram a participar da banca examinadora deste trabalho.

Agradeço aos sujeitos colaboradores da pesquisa pela confiança depositada em mim e por terem compartilhado comigo a riqueza de suas experiências formativas.

Agradeço às minhas amigas Kellyane Maria e Rosemary Silva pela parceria e a amizade verdadeira que perpassará os muros da faculdade para toda a vida. À Juliene Maria, Jocyara e

Juliete Soares por estarem presentes em cada conquista e angústia, por me incentivarem quando a caminhada ficava mais difícil. Obrigada!

Aos professores que me conduziram pelos trilhos do conhecimento e contribuíram de forma direta e indiretamente na minha jornada acadêmica, nos debates, encontros e aprofundamento do conhecimento científico para a conclusão deste trabalho. Entre eles Valeria Borba, Belijane Marques, Débia Suênia e Marillac Ramos, vocês são meus espelhos, em que refletem sabedoria, respeito, acolhimento e dedicação pessoal e profissional.

Obrigada a todos pelo seu carinho, rigor e compreensão ao longo desta trajetória na universidade, e por contribuir imensamente para meu crescimento acadêmico e pessoal.

Temos que construir uma nova profissionalidade docente e que esteja também baseada numa forte pessoalidade. Na educação não é possível separar a dimensão da profissionalidade da dimensão da pessoalidade e isso implica um compromisso pessoal, de valores, do ponto de vista da profissão. É nesse sentido que julgo que nós podemos e devemos caminhar no sentido de celebrar um novo contrato educativo com a sociedade, que passa também pela reformulação da profissão. Pois com certeza não haverá sociedade do conhecimento sem escolas e sem professores. Não haverá futuro melhor sem a presença forte dos professores e da nossa profissão.

(Antônio Nóvoa)

RESUMO

O presente trabalho monográfico intitulado A construção da identidade profissional de professores da Educação Infantil teve como objetivo geral analisar como se dá o processo de construção da identidade profissional de professores da Educação Infantil de duas escolas públicas no município de Sousa-PB. Como objetivos específicos, buscou-se caracterizar as relações que os professores conseguem desenvolver com seus cursos de formação, identificar as teorias utilizadas pelos professores no exercício da docência, averiguar as concepções dos professores da educação infantil acerca do que é ser professor e verificar como o professor se relaciona com o seu trabalho. A escolha desse tema surgiu a partir das inquietações acerca da construção da identidade profissional docente enquanto futura educadora da Educação Infantil. A abordagem metodológica escolhida para a pesquisa foi a abordagem qualitativa. A coleta de dados se deu por meio da aplicação de uma entrevista semiestruturada contendo seis questões, relacionadas ao tema já citado, junto a seis professoras que atuam na Educação Infantil. A análise dos dados mostrou pelos relatos das entrevistadas que a escolha pela profissão aconteceu pela influência da família, pelos sonhos de criança, ou ainda devido aos discursos veiculados pelos meios de comunicação em que aparece a profissão de professora como modelo, e a baixa concorrência para a seleção de ingresso no curso de Pedagogia. O posicionamento das professoras nos permite pensar a docência como uma atividade de amor, ou seja, é uma ação profissional que tem como pressuposto o sentimento e a percepção de bem-estar sobre si mesmo ao desenvolver o seu trabalho docente. Desse modo, as entrevistadas acreditam na perspectiva poética, enxergando a criança como indivíduo ingênuo, gracioso, e que precisa ser preservado da sociedade. Além disso, uma parte considerável das professoras enfatiza que nem sempre as teorias fundamentam suas práticas, recorrendo-se aos saberes da experiência e neles apostando para a qualidade do seu trabalho. Assim, ficou evidente um alerta para a formação inicial, isto devido às dificuldades percebidas quanto à articulação necessária da teoria e da prática. Pode-se perceber, pelos relatos das professoras, que os saberes acadêmicos ajudam em seu ofício pedagógico. Todavia, o primordial para ser professor acontece na própria vivência em sala de aula, na prática. Dessa forma, nas considerações finais desse trabalho, fica evidente a necessidade de estudos mais apurados sobre os aspectos que constituem a identidade profissional do professor, visto que algumas situações inclusive em caráter legal na Educação Infantil precisam ser defendidas e efetivadas na política nacional. Além disso, sabe-se que a realidade de hoje na Educação ainda causa preocupações, já que faltam investimentos materiais e financeiros, bem como um substancial aperfeiçoamento dos processos de formação dos profissionais que atuam nesta modalidade de educação.

Palavras-Chave: Identidade. Professor. Formação. Educação Infantil.

ABSTRACT

This monograph entitled: The construction of the professional identity of teachers of early childhood education; aimed to analyze how is the professional identity construction process Early Childhood Education teachers of two public schools in the city of Sousa-PB. The specific objectives are: Characterize the relationships that teachers can develop with its training courses; Identify the theories used by teachers in the teaching profession; Ascertain the views of the kindergarten teachers about what is to be a teacher and see how the teacher relates to your own work. The choice of this theme arose from concerns about the construction of the teaching professional identity as a future educator of early childhood education. The methodological approach chosen for the research was the qualitative approach. The data collection was carried out by applying a semi-structured interview with six questions related to the topic mentioned above, with six teachers who work in kindergarten. The analysis of the data showed by the interviewees reported that choosing the profession happened by the influence of the family, the childhood dreams, or because the discourses conveyed by the media it appears the teacher profession as a model, and low competition for the ticket selection in the Faculty of Education. The positioning of the teachers allows us to think of teaching as a love activity, that is, is a professional action that presupposes the feeling and perception of well-being about yourself to develop your teaching. Thereby, the interviewees believe in the poetic perspective, seeing the child as an individual naive, graceful, and that needs to be preserved in society. Moreover, a considerable part of the teachers emphasizes that not all the theories underlying their practices, by resorting to the knowledge and experience of them betting for the quality of their work. Thus an alert to the initial formation was evident that because of the difficulties perceived as the necessary articulation of theory and practice. Can be seen, the reports of the teachers, the academic knowledge help in their pedagogical craft. However, the primary to be a teacher happens in their own experience in the classroom, in practice. So, in the final considerations of this work, it is evident the need for more accurate studies on the aspects that make up the professional identity of the teacher, as some situations including legal character in kindergarten must be defended and effect in national politics. Furthermore, it is known that today's reality in education still cause concern, as they lack material and financial investments, as well as a substantial improvement of the professional training processes that operate in this type of education.

Keywords: Identity. Teacher. Formation. Child Education.

LISTA DE SIGLAS

LDB: A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

Q1:Quadro de caracterização das professoras participantes da pesquisa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 CAPÍTULO I- O PROFESSOR E A FORMAÇÃO DE SUA IDENTIDADE PROFISSIONAL	18
1.1 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE.....	18
1.2 ASPECTOS QUE CONSTITUEM A IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE	20
1.3 A IMPORTÂNCIA DOS SABERES PEDAGÓGICOS NA FORMAÇÃO E NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	23
1.4 A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA: SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA UM ENSINO DE QUALIDADE	27
1.5 CONCEPÇÕES DE CRIANÇA E A LEGISLAÇÃO BRASILEIRA	29
1.6 A ATUAÇÃO DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL	32
2 CAPÍTULO II- ELEMENTOS METODOLOGICOS	35
3 CAPÍTULO III- QUADRO ANALÍTICO: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE SOB O OLHAR DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	65
APÊNDICE A	
APÊNDICE B	
APÊNDICE C	

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como tema “A construção da identidade profissional docente do educador infantil” e sua questão central é como se dá o processo de construção da identidade profissional de professores da Educação Infantil. O interesse pelo tema surgiu a partir das inquietações acerca da formação do professor e a sua identidade como profissional da Educação Infantil, advindas da minha trajetória escolar, na qual teve a predominância de professores preponderantemente rígidos e tradicionais. Estes apresentavam um perfil autoritário e a concepção de que somente eles possuíam o conhecimento, enquanto o aluno seria um mero receptor de conhecimentos e informações. Assim, o silêncio era imposto pela autoridade docente e os alunos eram tratados como sujeitos passivos em sala de aula. Hoje, com o conhecimento que adquiri na universidade, ao refletir sobre a minha trajetória escolar, percebo que tais condutas docentes opressoras influenciaram negativamente o desenvolvimento da minha autonomia pessoal e intelectual.

Um segundo fator que despertou meu interesse são as inquietações acerca da construção da minha identidade profissional docente enquanto futura educadora da Educação Infantil. Alguns questionamentos norteiam tais inquietações: será que conseguirei ensinar e produzir conhecimentos claros, coerentes, sistematizados e significativos, relacionando as teorias com as minhas práticas, de acordo com a minha identidade profissional docente? E ao concluir a minha trajetória acadêmica no curso de Pedagogia, será que conseguirei vencer os obstáculos e o regime opressor de determinadas escolas ainda tradicionais, para trabalhar de acordo com os saberes que adquiri durante a minha formação docente na academia?

Vale ressaltar que é notável ainda hoje a forte presença de professores tradicionais e das suas práticas, baseadas no autoritarismo e na imposição do silêncio. Foi por meio da minha experiência no Estágio Supervisionado em Educação Infantil, componente curricular ofertado pelo curso de Pedagogia, que tive a oportunidade de conhecer pela primeira vez a realidade de uma sala de aula na condição de professora e que, através desta, surgiu a preocupação acerca da minha formação profissional docente e a construção da minha identidade como futura educadora da Educação Infantil.

No início do Estágio fiquei encantada com as crianças. No entanto, com a primeira semana de observação tudo começou a se complicar. Toda aquela expectativa interferiu na realidade educacional que eu idealizava. Aos poucos estava sendo desconstruída devido ao comportamento conservador, racista e preconceituoso da professora. Ela sempre se colocava

como o centro do processo de aprendizagem, por meio do seu autoritarismo, já que apresentava concepções e práticas negativas e antiéticas com relação ao seu ofício e com alguns alunos de classes populares e negros que não apresentavam um padrão de comportamento semelhante ao que ela idealizava.

Essa prática foi explícita no primeiro momento de observação, quando uma criança negra chegou na sala de aula e a professora simplesmente falou “bom dia” e, em seguida, acrescentou “esses alunos são bem atrasados e danados”, falou em voz alta, deixando as crianças tristes com o comentário. Enquanto que a criança branca de olhos e cabelos claros, ao chegar, a professora abraçou e falou “Bom dia, minha flor. Essa é a minha aluna nota dez”. É interessante destacar que estes alunos ao serem observados apresentavam o mesmo nível de desenvolvimento face atividades propostas em sala de aula.

No momento da intervenção busquei conhecer cada criança. Em seguida, comecei a trabalhar com elas a partir de métodos pedagógicos construtivistas e significativos para o seu processo de aprendizagem com o intuito de contribuir para a autonomia e criticidade das crianças. No entanto, a professora fazia sempre interferências, afirmando que eu não poderia trabalhar com “inovações”, porque estava deixando as crianças ativas, e isso ela não suportava. Rapidamente parava a aula e ordenava que as crianças sentassem de cabeça baixa e quieta. Em seguida, a professora apagava a luz, deixando todos da sala no escuro. Ao questioná-la sobre o porquê desligar a luz, a professora respondeu que “sempre fazia isso para deixá-las sujeitos passivos em sala de aula”

Outro ponto que me fez ser contra o regime tradicional daquela professora era como eu me via naquelas crianças, vindo à mente as minhas lembranças e, conseqüentemente, a preocupação de como elas poderiam sofrer futuramente sem a construção da sua autonomia pessoal e intelectual, sem ter o direito de adquirir conhecimentos significativos para sua vida adulta.

Deste modo, é visível o entendimento “estranho” dessa professora do que seja educar, de buscar romper não somente com o paradigma do tradicional, mas também com a identidade negativa acerca da docência. Neste caso, conforme refere Sousa Neto (2005, p. 257), a identidade negativa é “[...] a ideia de que ser professor é uma coisa menor, desqualificada, podendo exercer o ofício de qualquer modo [...]”.

Vale salientar que quase desisti do Estágio por inúmeras intervenções dessa professora preconceituosa, racista e autoritária, mas consegui, de alguma forma, ajudar um pouco a realidade

daquelas crianças as quais a professora “rotulava” de incompetentes e atrasadas e começaram a desenvolver as suas potencialidades e autonomia, por meio das aulas, mediadas durante minha intervenção. Isso porque eu buscava ensinar de acordo com a realidade de cada aluno. Apesar da professora sempre afirmar “que essas teorias são bonitinhas, mas na prática, a realidade é outra”, e que se eu continuasse com essas práticas “inovadoras” como ela sempre afirmava, não continuaria na sala dela. Eu sempre procurei de alguma forma fugir da opressão da professora, para trabalhar de acordo com meus saberes mediados e adquiridos até agora pelos meus professores da faculdade, os quais são de fundamental importância para a minha formação profissional.

Contudo, “Meu coração” ficou partido no momento em que o Estágio acabou e vislumbrei o quanto pude contribuir, pois a última semana de estágio foi de muita alegria e satisfação. Isso porque tivemos excelentes resultados com relação às atividades mediadas, e na interação com as crianças. É importante lembrar que durante a observação ficou explícito, em todos os momentos das aulas, uma criança com deficiência auditiva era sempre deixada de fora do processo de ensino. A professora titular, ao ser questionada, alegava que não tinha nenhuma experiência e formação para atender às necessidades educacionais específicas daquela criança.

Deste modo, é visível o descompromisso profissional dessa professora, de buscar romper não somente com o paradigma do tradicionalismo, mas também com a sua identidade negativa visto que ela apresentava estranheza no desenvolvimento do seu ofício, ao afirmar “o que você está fazendo nesse lugarzinho? A educação de qualidade é ilusão, você ainda é jovem, procure outra profissão.” Ela alegava também que existem alguns fatores que influenciam para a elaboração dessa identidade negativa como a desvalorização do ofício dos professores, principalmente na contemporaneidade, o baixo salário e as condições precárias de trabalho.

A partir da postura dessa professora, podemos perceber a complexidade da construção ou reconstrução da identidade profissional e que esta acontece na experiência do cotidiano em sala de aula. Segundo Nóvoa (1995), o processo de identidade do professor é o lugar no qual busca compreender como o sujeito se sente e se diz professor, ou seja, a identidade é o espaço em que o professor constrói o modo de ser e de estar na sua profissão docente. Dessa forma, este deve ter o interesse de buscar se reconhecer na sua condição de educador com o intuito de adquirir conhecimentos, métodos e técnicas de ensino que vão sendo construídas por meio das experiências em sala de aula, e assim ele poderá trabalhar conteúdos de modo significativos, propiciando processos de emancipação e reflexão dos sujeitos estudantis. No entanto, ainda nos

dias atuais existe a forte presença desses professores, desmotivados e que não tem a preocupação com a sua formação e identidade profissional, que pode ser construída e reconstruída permanentemente, visto que somos seres inacabados.

É triste descobrir que muitas crianças são deixadas a margem do processo de ensino aprendizagem. Isso porque a professora mostra explicitamente suas convicções e práticas de ensino tradicionalista e autoritário, na qual somente ele é o centro do processo de ensino, acreditando ser a única que detém o poder, o conhecimento. Nesta perspectiva, o surgimento de várias situações negativas produziram inquietações durante o Estágio, os quais já foram mencionados anteriormente. Tenho a preocupação de construir uma identidade profissional competente, que possa propiciar a construção e compartilhamento de conhecimentos com ética, competência profissional e respeito humano em prol de uma educação de qualidade.

Foram os obstáculos e desafios do estágio, que me fizeram amadurecer e ter cada vez mais o interesse de buscar construir uma identidade profissional baseada na competência docente, de modo que eu possa contribuir significativamente para uma educação eficaz e de qualidade. Diante disso, recordo Freire (2013) ao afirmar que ensinar e aprender caminham de mãos dadas, e que ninguém ensina se não souber ensinar. Essa frase explica claramente o papel do profissional docente.

Em meios às situações e desafios, é notória a relevância do papel de um professor com relação à construção de sujeitos, não somente no âmbito educacional, mas também para a sociedade, visto que ele é o responsável por ensinar ao aluno a pensar, a questionar e aprender a ler a sua realidade e, conseqüentemente, construir suas próprias opiniões. Dessa forma, pode-se visualizar a necessidade de muitos professores buscarem construir uma identidade profissional, ou reconstrução desta, de acordo com o cenário contemporâneo, que atenda às necessidades educacionais dos alunos, de sua origem social, por meio dos seus saberes e das suas práticas pedagógicas.

E essa situação serve de alerta para o curso de formação de professores que, embora a realidade seja difícil, eles podem de fato mudar a realidade dessa nova geração. Isso se evidencia na afirmação de Tardif (2010), ao defender que o professor “modelo” é aquele que conhece não somente sua matéria, ou seja, toda a programação da sua disciplina, mas também alguém que apresenta determinados conhecimentos referentes às ciências do campo da educação, interligando com a pedagogia, com o intuito de desenvolver saberes práticos, a partir da experiência do cotidiano com os alunos.

A partir do que foi exposto, este estudo tem como preocupação norteadora, ou seja, tem como objetivo geral, analisar como se dá o processo de construção da identidade profissional de professores da Educação Infantil de duas escolas públicas do município de Sousa-PB, enfatizando não somente sobre a importância da profissão docente, que em pleno século XXI ainda é vista por muitos como um mero processo técnico e que pode ser exercida por qualquer pessoa sem formação específica, mas também explicitar a necessidade de estudos acerca dessa identidade, que é inacabada e plural, já que estamos em constante mudança pessoal, social, política e econômica.

E como objetivos específicos, caracterizar as relações que os professores conseguem desenvolver com seus cursos de formação, identificar as teorias utilizadas pelos professores no exercício da docência, averiguar as concepções dos professores da educação infantil acerca do que é ser professor e verificar como o professor se relaciona com o seu trabalho. Portanto, no primeiro capítulo deste trabalho buscou-se apresentar sobre o conceito de identidade, seguindo da explanação acerca do processo de construção da identidade pessoal e profissional docente. No segundo capítulo buscou-se apresentar a metodologia do trabalho, e no terceiro a descrição dos dados e um diálogo em torno dos resultados e estudos teóricos dessa temática.

1 O PROFESSOR E A FORMAÇÃO DE SUA IDENTIDADE PROFISSIONAL

1.1 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

A identidade é um termo que tem sido cada vez mais alvo de discussões na teoria social. Isso porque a identidade é vista como um processo complexo, dinâmico, repleto de pluralidade, conflitos e construída na interação social e pessoal do sujeito. De acordo com Dubar (1997, p. 105), a identidade significa “O resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições”.

Neste sentido, o conceito de identidade apresenta uma dimensão complexa em sua totalidade, devido as suas configurações sociais. Na literatura, o sujeito é o protagonista do conhecimento e construído pela sua representação pessoal e social. Nessa perspectiva, Santos e Braga (2015, p. 71) afirmam:

A identidade, por ser construída no bojo do contexto histórico, se constitui e é constituída pelas determinações sociais. Desse contexto decorrem as possibilidades e impossibilidades das diferentes configurações da identidade, dada a sua relação com as diferentes configurações da ordem social. No entanto, pelo papel ativo que exerce nessa construção, o indivíduo, concomitantemente, reage, sobre a estrutura social, de modo a reproduzi-la ou transformá-la.

E é por meio dessas configurações sociais que acontece a construção ou reconstrução da identidade do sujeito em sua singularidade. Isso ocorre por meio do seu papel ativo diante da estrutura social, levando em consideração a sua trajetória de vida, suas escolhas, opiniões e o contexto em que está inserido. Vale destacar que a construção da identidade acontece para todos, de forma singular, ou seja, cada pessoa tem a sua identidade que se desenvolve durante a vida, envolvendo a dimensão pessoal e social. A identidade pessoal é composta pela subjetividade da identidade pessoal, pois cada sujeito é único, abriga personalidade e características próprias sobre si mesmo. Enquanto a identidade social acontece por meio da definição que o sujeito dá a si próprio, devido a sua interação e do diálogo com o grupo o qual faz parte, ele passa a desenvolver a conscientização sobre “si” mesmo. Desse modo, Santos e Braga (2015, p. 68) apontam que:

Uma das dimensões que caracterizam a noção de identidade é o duplo aspecto da igualdade e diferença que os sujeitos estabelecem em relação ao outro. O próprio conceito pressupõe que o indivíduo, ao mesmo tempo que é idêntico a si mesmo, o próprio de quem se fala, abriga características que o tornam diferente dos outros. Portanto, somos igual e diferente ao mesmo tempo. A condição de diferente se traduz na tomada de consciência de si que somente é possível na relação com o outro, isto é, tendo o outro como referência.

Desta forma, esta conceituação se constitui a partir de duas faces: a definição que temos acerca de nós mesmos, a identidade como *si*, e a identidade construída através da idealização que o outro projeta sobre nós, a identidade como *outro*. Por conseguinte, a construção identitária não é algo inato e nem tão pouco acabada, mas sim um elemento conectado com a individualidade de cada sujeito e da sua relação estabelecida com os outros. Esse processo acontece ao longo da vida, mediante as diversas dinâmicas de intervenções pessoais e sociais, as quais são incertas, imprevisíveis e mutáveis. Desse modo, a identidade é constituída pelas diferentes formas de configurações sociais e o sujeito é o elemento ativo nesse processo, agindo sobre a organização social, de forma a reproduzir ou transformar a identidade de acordo com as intervenções e o contexto histórico.

É importante ressaltar que, desde o tempo do Iluminismo, conjeturam uma definição para fundamentar a existência do sujeito no mundo. Neste sentido, faz-se necessário analisar as diferentes denominações e concepções de identidade. Stuart Hall (2015), ao analisar as mudanças que vem ocorrendo na sociedade, fez uma analogia com três tipos de identidade. O primeiro, o “sujeito do iluminismo”. Neste considerava-se a pessoa como um indivíduo centrado, dotado das capacidades de razão, consciência e ação. Nessa concepção o sujeito nascia e permanecia basicamente o mesmo, durante toda a sua existência, dessa forma podemos perceber que nesta visão tanto o sujeito quanto a sua identidade eram algo definitivo e permanente.

O segundo tipo definido por Hall, o “sujeito sociológico”, traduzia a crescente complexidade da sociedade moderna. O sujeito é constituído principalmente pelas relações sociais, as quais mediam valores, sentidos e símbolos culturais. Nesse pensamento a identidade é formada a partir da interação entre o eu e a sociedade, ocupando o espaço pessoal e o público.

Sendo assim, a centralidade está agora no grupo no qual o sujeito está inserido. E o outro tipo de sujeito estudado por Hall é o “sujeito pós-moderno”, que não apresenta uma identidade fixa, única ou imutável, mas sim uma concepção de identidade que é formada e transformada continuamente pelas formas culturais que nos cercam.

Portanto, de acordo com Hall, uma identidade plenamente identificada e completa não existe, visto que as identidades são formadas e transformadas pela relação imediata e transitória, constituídas pelos símbolos culturais e linguísticos que nos rodeiam e pela razão. Nesse sentido, para Pimenta (1997, p.6), a identidade não é um dado permanente, nem externo que possa ser adquirido, mas é um processo de construção do sujeito historicamente situado no tempo e no espaço.

1.2 ASPECTOS QUE CONSTITUEM A IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE

É interessante destacar que, por meio das identidades individuais e sociais, torna-se possível compreender que seus elementos têm uma íntima relação com os aspectos que compõem a identidade profissional docente. É impossível dissociar identidades individuais, identidades sociais e identidades profissionais dos professores e, no caso em estudo, o professor da Educação Infantil. Nesse sentido, a identidade profissional docente constitui-se das opções que fazemos ou assumimos no âmbito do trabalho e pelos significados sociais, pessoais e profissionais. E essas significações são: os saberes, as atitudes, os valores e conhecimentos ligados à cultura de grupo profissional de professores.

Segundo Castells (1999, p.22), identidade é o processo de construção de significado fundamentada pelas características atribuídas pela cultura, esta é constituída por um conjunto de características culturais interligadas, as quais predominam sobre outras fontes de significado. A identidade profissional docente também é construída pelos significados que cada professor tem sobre a sua profissão, pelos seus valores, pela sua história e, principalmente, pela sua prática à luz das teorias, ou seja, um conjunto de princípios norteadores que se dá por meio das suas experiências e vivência, dos seus saberes pedagógicos e da sua identidade pessoal e profissional, que se constrói como ser professor, ou seja, construindo a sua formação profissional docente. De acordo com esse pensamento, Nóvoa (1995, p. 16) afirma que:

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor.

É relevante enfatizar que a identidade profissional também é constituída pela centralização de dois sistemas identitários específicos – o *biográfico*, relacionado à identidade para si, ou seja, é a construção temporal, que acontece pelas interações familiares, sociais e profissionais, e o processo *racional*, que representa a identidade para o outro, é a representação legítima de si mediante as propostas e a visão dos indivíduos em um dado momento social. Vale salientar que a identidade profissional docente é uma construção que apresenta um leque de grandeza e responsabilidade ao que diz respeito à vida profissional, desde a escolha da sua ocupação até nos diferentes espaços educacionais nos quais desenvolve seu ofício.

A construção profissional docente pode ser atribuída também à construção social já mencionada anteriormente. Esta proporciona um campo amplo de conhecimentos específicos permeados por intervenções pedagógicas do docente em suas práticas educativas e sociais, tendo como objetivo contribuir, por meio de seus saberes, seus valores e suas experiências para uma melhor escolarização. Segundo Pimenta (1997, p. 06),

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da na revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Como também, da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. [...] constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus sabores, de suas angústias e seus anseios [...].

Essa construção é constituída individualmente e coletivamente ao longo da vida e do tempo. Dessa forma, a identidade profissional apresenta uma dinamicidade e um cenário de mudanças e processos. Vivemos em constante movimento e surgem novas identidades que propiciam fragmentos ao indivíduo, já que este é visto pela sociedade como unificado em sua essência. Diante dessa ideia, surge a denominação “crise de identidade”, sendo influenciada pelos aspectos políticos, sociais, culturais, pessoais e profissionais do professor, ou seja, é como uma parte de um sistema vasto que está englobado nas mudanças estruturais, sejam elas sociais, pessoais, ou políticas e que surgem no meio cultural e nas interações sociais da contemporaneidade.

Nesse sentido, Nóvoa (1995) afirma que existe uma redução da profissão docente a um mero conjunto de competência e técnicas, propiciando uma crise de identidade do professor devido à separação entre o seu lado profissional e seu lado pessoal. Foi a partir dessa oposição e reflexão que a identidade do professor passou a ser reconhecida por autores tais como: Nóvoa

(1995), Castells (1999) Pimenta (1997), Brzezinski (2002), como um centro de investigações e estudos detalhados, enfatizando que a sua história de vida tem uma profunda união permanente com seu trabalho profissional docente. Deste modo, são compreensíveis as diferentes formas de se reconhecer como sujeito e a conexão deste ao exercício da sua profissão. A construção da identidade do professor acontece na coletividade, por meio de experiências pessoais, sociais e culturais, já que se trata de um processo contínuo e tem início antes da sua formação inicial.

A identidade construída pode ser pessoal ou coletiva. A primeira é configurada pela história e experiência profissional e implica um sentimento de unidade, originalidade e continuidade, enquanto que a segunda é uma construção social que se processa no interior dos grupos e das categorias que estruturam a sociedade e que conferem à pessoa um papel e um status social. A identidade profissional configura-se como identidade coletiva. (BRZEZINSKI, 2002, p.8).

Sendo assim, a identidade docente pode ser compreendida como um processo de construção subjetiva, social e profissional das suas práticas pedagógicas dentro e fora do âmbito escolar, proporcionando ao professor a participação na elaboração de atividades, por meio da interação com os outros sujeitos, já que a construção da identidade profissional não ocorre de maneira isolada. No entanto, existem alguns professores que apresentam uma “identidade negativa” acerca da sua profissão. A esse respeito, Sousa Neto(2005, p. 257) enfatiza que:

Esse olhar depreciativo da profissão proporciona uma certa desidentificação com o que se faz e gera, não raro, a elaboração de uma identidade negativa. Na desidentificação o processo é de estranhamento, posto que as pessoas ao não se verem no que fazem, não o fazem como sendo coisa sua. Na elaboração de uma identidade negativa gesta-se um autopre-conceitovitimador, como se ser professor fosse a última maneira de garantir uma sobrevivência indigna.

Nesse sentido, é explícito uma certa estranheza do professor no desenvolvimento do seu trabalho docente, apresentando desânimo e descontentamento, um comportamento contraditório ao que diz respeito às funções de um educador competente, proporcionando aos profissionais da área o enfraquecimento da profissão, mas também explicando as justas reivindicações, já que defendemos somente o que nos identificamos positivamente.

Nesta perspectiva, Esteve (1999 apud STOBAUS; MOSQUERA; SANTOS, 2007) afirma que o professor apresenta um “mal-estar docente”. Esta expressão é utilizada para descrever os efeitos permanentes do aspecto negativo, os quais afetam as condições psicológicas e sociais da sua personalidade e subjetividade, permitindo a construção de um caráter negativo acerca do seu

trabalho, devido aos avanços na sociedade contemporânea. Dessa forma, o professor gera um sentimento de mal-estar docente que propicia consequências como a desmotivação e insatisfação pessoal e profissional, já que impede a reflexão crítica sobre sua prática pedagógica qualificada. Existem alguns fatores que influenciam também para a elaboração dessa crise negativa, tais como: a desvalorização dos professores, principalmente na contemporaneidade, o baixo salário, as condições precárias de trabalho e dos recursos materiais.

Para Oliveira (2006, p.3) essa situação significa “a não constituição, pelo professor, de uma identidade de trabalhador; a necessidade de cumprimento de longa jornada de trabalho e, ainda, as precárias condições de trabalho, com alienação e a desqualificação profissional, além dos baixos salários”. Entretanto, o autor deixa explícito que o trabalho docente precisa fazer sentido para o próprio sujeito e a sociedade. Dessa forma, é necessário a formação de educadores reflexivos, ou seja, aqueles que repensam a sua atuação, buscando seu constante aperfeiçoamento para construir ou reconstruir uma identidade profissional competente, com o intuito de adquirir conhecimentos, métodos, técnicas de ensino e valores que vão sendo construídos por meio da sua vivência e das experiências em sala de aula. Assim, poderão desenvolver conteúdos significativos propiciando a emancipação e reflexão de sujeitos críticos.

1.3A IMPORTÂNCIA DOS SABERES PEDAGÓGICOS NA FORMAÇÃO E NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A discussão a respeito da formação docente é interligada com a identidade profissional e a valorização dos saberes específicos da docência e teve início na década de 1980, mas no Brasil teve início somente nos anos noventa. Desde então esta vem ganhando dimensões profundas no cenário educacional brasileiro. O professor passou a ser visto como um protagonista no campo educacional que apresenta, em sua essência, aquisição e desenvolvimento de conhecimentos específicos adquiridos por meio da sua prática e das situações conflitantes de sua profissão.

O professor, enquanto profissional da educação, deveria ser crítico, pensante, um cidadão que contribui para a educação como um sistema construtivo, aberto, o qual articula saberes e práticas pedagógicas produzidas nos diversos espaços. Neste cenário, a educação é uma fonte histórica e cultural que possibilita o desenvolvimento individual e coletivo dos sujeitos.

Desse modo, os professores não são meros técnicos do processo educacional, mas sim sujeitos que constroem a sua própria identidade e tem uma formação específica. Eles são capazes de produzir discursos profissionais, permeados por suas práticas pedagógicas competentes e pelos

seus saberes de experiências refletidos na ação e sobre a ação. O conhecimento do mundo e a sua interação com os outros sujeitos são situações e experiências formativas. De acordo com Pimenta (2006, p.36), a formação docente:

[...] traduziu-se na valorização do seu pensar, do seu sentir, de suas crenças e seus valores como aspectos importantes para se compreender o seu fazer, não apenas de sala de aula, pois os professores não se limitam a executar currículos, senão que também os elaboram os definem, os reinterpretam.

Nesta perspectiva, a formação docente é composta de saberes teóricos conectados com as práticas e habilidades específicas do professor dentro e fora da instituição de ensino, ou seja, o saber ser e o saber fazer. Estes saberes são construídos e reconstruídos de acordo com as necessidades e conforme o contexto e as mudanças que ocorrem na sociedade contemporânea que permeiam a prática educativa do professor em sala de aula. Para Pimenta (1997) existem três concepções de saberes da docência: o da experiência, o do conhecimento e o pedagógico. Estes viabilizam a ação de ensinar e são de fundamental importância para a construção da identidade e da formação docente, além de contribuírem significativamente na prática pedagógica do educador. Este mediador do conhecimento tem a função de organizar, mediar sistematicamente os conhecimentos para os educandos. Conforme Pimenta (1997, p.8),

A mobilização dos saberes docente é um passo importante para mediar o processo de construção da identidade profissional dos professores. Sob este aspecto, indica que esses saberes são constituídos por três categorias: os saberes da experiência, os saberes do conhecimento e os saberes pedagógicos.

Estes saberes da docência são divididos em três concepções: o saber do conhecimento, os saberes da experiência e os saberes pedagógicos. A princípio, o saber do conhecimento é interligado à informação, que significa o ato de informar. Nesse sentido, faz-se necessário organizar e trabalhar as informações para construir a inteligência. Diante dessa afirmação, para que possa existir a construção do conhecimento não bastam somente informações, mas faz-se necessário trabalhar na coletividade, a reflexão acerca da informação de forma igual para todos os indivíduos, ou seja, não basta somente expô-los aos meios de informação, mas também é preciso atuar sobre as informações para chegarmos ao conhecimento, visto que o professor deve trabalhar com o intuito de mediar os conhecimentos a partir da reflexão. E o conhecimento não pode ser

considerado um mero saber adquirido na universidade. Neste caso, é relevante a interdependência entre o saber conhecer e o saber da vida do cotidiano.

Os saberes da experiência são constituídos, de início, pelos graduandos durante suas experiências e vivência do cotidiano escolar. Isso porque ao chegarem ao curso superior, já trazem consigo os saberes adquiridos durante a sua trajetória escolar. Eles também conhecem o quanto é difícil a profissão de professor, pois ainda hoje existe a não valorização social e financeira, além da precariedade de muitas escolas. Entretanto, são essas experiências vivenciadas durante a sua trajetória escolar que mostram ao aluno quais professores se tornarão significativos em sua vida e, principalmente, os que contribuirão positivamente para a sua construção humana e a escolha futura como um educador profissional.

Os saberes pedagógicos constituídos pelos saberes da experiência, do conhecimento e o didático pedagógico possibilitam a ação de ensinar e englobam totalmente os processos de ensinar e aprender, por meio da didática, planejamento, avaliação do ensino, aprendizagem, relação professor-aluno, metodologia, técnica de ensino. No entanto, na história da formação dos professores eles têm sido trabalhados como blocos distintos e desarticulados. Às vezes, um saber prepondera sobre os outros, em decorrência de status e do poder que adquirem na academia.

Dessa forma, os saberes pedagógicos são construídos e direcionados para uma melhor educação, já que para ensinar não bastam somente as experiências e os conhecimentos, específicos, mas é preciso também os saberes pedagógicos didáticos. O profissional docente precisa construir e sistematizar os saberes pedagógicos a partir das necessidades pedagógicas reais. É importante ressaltar que todos estes saberes docentes são importantes para o processo educativo de qualidade, ou seja, uma aula enquanto prática refletida.

Vale ressaltar que o papel do professor e a necessidade deste não somente em conhecer, mas também ter o domínio dos conteúdos da sua disciplina, e principalmente, desenvolver o saber fazer e o saber ser por meio da práxis, da ação- reflexão-ação, construindo assim os saberes pedagógicos de acordo com a realidade educacional e social dos alunos. Desse modo, Nóvoa (1995, p. 25) afirma que:

A formação não se constrói por acúmulo (de cursos, de conhecimentos ou técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexão crítica sobre as práticas de (re) construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar estatuto ao saber da experiência.

Nesta perspectiva, a formação está interligada com o desenvolvimento profissional dos professores e a construção da identidade profissional docente. Esta é construída por meio do significado social, ou seja, das mudanças que ocorrem na sociedade contemporânea, da revisão das tradições e das reconstruções inovadoras das práticas pedagógicas que refletem profundamente nos saberes necessários para um ensino de qualidade.

Outro aspecto da identidade docente a destacar é a concepção e prática pedagógica do professor da educação infantil, tendo em vista que a escola é um espaço educativo e que existe a dinâmica e a atuação dos educadores no processo de ensino aprendizagem. A prática do professor é fundamentalmente importante, isso porque é uma ação social, histórica e culturalmente produzida, além de proporcionar a ampliação de diversos aspectos da prática escolar, que tem início desde a ação do professor, com as atividades em sala de aula, trabalhos coletivos, até a gestão escolar e a participação da comunidade.

A reflexão na e sobre a prática dos professores na dinâmica escolar permite as mudanças, as transformações das práticas de acordo com as necessidades educacionais, culturais dos alunos e das suas experiências cotidianas. Sendo assim, os professores precisam construir ou reinventar suas concepções e práticas, pressupondo uma articulação entre o discurso e ação cada vez mais ampla e diversificada, buscando respeitar cada educando inserido no âmbito escolar. Para Freire (2013, p.63),

Ao pensar sobre o dever que tenho, como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também [...] em como ter uma prática educativa em que aquele respeito, que se dever ter ao educando, se realize em lugar de ser negado. Isso exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educandos.

Nesse contexto, a prática de ensino que compõe o currículo escolar deve ser permeada por mudanças significativas de acordo com o contexto da realidade, visto que ela é um campo de execuções teóricas e pedagógicas. Assim, é preciso conhecer e aplicar fundamentalmente condições necessárias para que aconteça o exercício da formação docente, decorrendo como eixo vertebrador na construção e incorporação de concepções e saberes pedagógicos interligando a teoria e a prática no âmbito escolar.

1.4A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA: SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA UM ENSINO DE QUALIDADE

Ao falar sobre a construção da identidade profissional docente, é de vital importância enfatizar a formação inicial, que tem o papel primordial para a construção de concepções e práticas pedagógicas especializadas. Para alguns estudiosos, essa formação apresenta a socialização profissional, a inserção no âmbito escolar, no meio cultural, científico e pessoal. Estes vão contribuir para a prática pedagógica em sala de aula. Segundo Barreiro e Gebran (2006, p. 88),

A formação do educador tem sido pauta obrigatória nas discussões que visam à busca de melhorias para o processo ensino-aprendizagem. É certo que o professor surge como peça chave nesse processo, e o papel assume proporções importantes quando pensamos na sua atuação em sala de aula e na escola como todo.

Dessa forma, é explícito como o curso de formação docente é importante para o desenvolvimento profissional do educador, visto que a formação inicial tem a função de fornecer subsídios e processos reflexivos que são intrinsecamente ligados à teoria e à prática pedagógica, propiciando ao profissional da área condições para exercer a atividade educativa de qualidade na escola e para as crianças. A formação inicial docente é um processo que se inicia na graduação e que impõe-se como indispensável na formação contínua.

Neste sentido, a formação continuada é o investimento para melhorar a prática na sala de aula e esse investimento precisa partir tanto do interesse do professor, quanto pela busca de aperfeiçoar seus conhecimentos. A formação inicial e continuada precisa ser compreendida como um sistema de construção de reflexão para uma prática pedagógica qualificada. Cabe ressaltar que existem alguns professores sem qualificação para enfrentar os desafios atuais, visto que a sociedade vive em constante transformação, por conseguinte os educadores mediadores de conhecimentos precisam estar atualizados.

É importante enfatizar que a universidade é um ambiente especializado para a tarefa de formação profissional docente, apresentando uma estrutura responsável em desenvolver pesquisa e formação para a docência, comprometida não somente com o conhecimento, mas também com as crianças. Sendo assim, o professor vai adquirindo habilidades específicas para trabalhar com elas, além de propiciar a autonomia, a auto-confiança e o prazer em desenvolver o seu ofício.

Entretanto, o curso de licenciatura em Pedagogia não supre totalmente as necessidades e conhecimentos das práticas docentes ao concluir a formação inicial. O educador não sai pronto da universidade. Nesse contexto é notável a necessidade de aprimoramento, de atualizar os seus conhecimentos e metodologias de acordo com os desafios da atualidade. Nesta perspectiva, relacionando a importância da formação continuada, Chimentão (2009, p. 3) enfatiza que:

A formação continuada de professores tem sido entendida como um processo permanente de aperfeiçoamento dos saberes necessários à atividade profissional, realizado após a formação inicial, com o objetivo de assegurar um ensino de melhor qualidade aos educandos.

Nesse contexto, a formação continuada é imprescindível para a prática educativa do educador, permitindo-lhe a reflexão, avaliação e investigação acerca da sua prática e que, por meio dessa dinâmica de reflexão, o professor possa reinventar sua prática de acordo com a necessidade e realidade educacional. A formação docente, pode-se afirmar, é permeada por vários saberes, sejam eles os saberes adquiridos na formação inicial, na formação continuada, ou ainda os saberes da prática do cotidiano da sala de aula. É também fundamental abordar a importância dos saberes da docência para a formação docente, haja vista que estes norteiam a prática educativa competente.

Em relação à identidade e à formação do profissional da educação infantil, a cada dia vem surgindo intensos debates e reflexão dentro do cenário educacional brasileiro. Embora a educação infantil venha ganhando avanços significativos, ainda hoje existe uma divergência das políticas públicas municipais com relação aos planos da gestão dessa área e das exigências formativas desses professores. Nesse sentido, é importante mencionar que determinados elementos como a falta de recursos financeiros para investimento de materiais didáticos de qualidade, melhoria nas estruturas físicas de muitas escolas públicas e investimento na formação dos professores e suas práticas pedagógicas, influenciam para o contexto atual da Educação Infantil.

É visível nos dias atuais o descuido com o qual é tratada a profissão de professor. Embora este tenha uma função essencial nas mudanças sociais, alguns deles não conseguem proporcionar efeitos profundos e qualitativos sobre as sociedades, devido a inúmeros fatores sociais e humanos, tais como: a precariedade das condições de trabalho, a não exigência de qualificação de profissional, principalmente na área da Educação Infantil, os problemas de infraestrutura de muitas escolas públicas brasileiras, a falta de materiais didáticos, de recursos tecnológicos, mas

principalmente das lacunas existentes na formação de muitos professores da Educação Infantil e, conseqüentemente, das suas práticas no âmbito escolar.

Dessa forma, para compreender alguns aspectos da formação dos professores, faz-se necessário investigar a história da Educação Infantil, analisando acerca dos conceitos de infância, a construção da identidade profissional ao longo do tempo, a formação docente, buscando compreender as concepções, as práticas e as mudanças na contemporaneidade sobre o que é ser professor da Educação Infantil.

1.5 CONCEPÇÕES DE CRIANÇA E A LEGISLAÇÃO BRASILEIRA

Na Idade Média, o índice de mortalidade infantil era muito alto e a morte de crianças era vista como algo natural. As que sobreviviam eram consideradas um “adulto em miniatura”. Outro aspecto importante diz respeito ao fato da criança ser vista como ingênua, inocente e graciosa. Nesse sentido, o sentimento artificial nutrido em relação à criança levava-a a ser tratada com papricarão. A papricação, conforme Ariés (1981, p. 10), “[...] era reservada à criancinha em seus primeiros anos de vida, enquanto ela ainda era uma coisinha engraçada. As pessoas se divertiam com a criança pequena como um animalzinho, um macaquinho impudico. Se ela morresse então, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar desolados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois uma outra criança logo substituiria”.

Nessa visão, a criança era considerada como um ser incompleto que precisaria de moralidade, da orientação e educação de um adulto. A educação, durante muito tempo, cabia somente à família, ou alguém sem formação específica, já que a educação e o cuidado das crianças não eram considerados como tarefas sociais e nem tão pouco como uma responsabilidade educacional. De acordo com Alves (2011, p.2), “No final do século XIX na Europa, foram criados os primeiros “asilos”, as primeiras creches para os filhos das classes desfavorecidas que funcionavam como “depósitos” de crianças para que as mães pudessem trabalhar”.

Desse modo, em meados dos séculos XVII e XIX, com a Revolução Industrial e as novas formas de produção e organização social no mundo do trabalho, a mulher pertencente aos estratos de baixa renda econômica, que exercia o papel de mãe responsável pelas tarefas domésticas e pela educação dos seus filhos, em grande número, passou a trabalhar fora de casa e a cuidar da casa de forma precária, precisando de assistência para cuidar dos filhos. Nesse caso, tornou-se

necessário a criação de modelos de assistência para essas mulheres e seus filhos pequenos. Esse modelo era entendido como um ato de caridade, ou favor prestado pelos patrões. Um outro modelo de atendimento foi criado para as crianças de famílias ricas, tendo como única finalidade cuidar e não educá-las.

Por conseguinte, as mudanças nos séculos XVIII e XIX e com as contribuições dos pioneiros da Educação Infantil tais como: Froebel, Montessori, Freinet e Dewey, foi percebida a importância da Educação Infantil e o fato de que as crianças deveriam frequentar um ambiente que pudesse propiciar o desenvolvimento social e a formação moral por meio da interação com as outras crianças, permitindo o compartilhamento e aquisição de conhecimentos. Assim também foi evidenciada a necessidade da criança ser cuidada e receber afeto, tornando-se o centro de preocupações da família e dos adultos em geral.

No entanto, às crianças consideradas pertencentes aos estratos sociais mais pobres não era dado o direito para que fossem educadas efetivamente. As elites dos países europeus defendiam que não seria certo para a sociedade no geral que educassem essas crianças. Então, foi ofertada a elas somente uma aprendizagem para as ocupações inferiores. Contrapondo-se a essa perspectiva, pensadores europeus lutaram para o direito à educação universal das crianças pequenas, tais como: Comênio, Rousseau e Montessori. Além de Froebel e Pestalozzi que foram os primeiros pedagogos da Educação Infantil e colocados entre os primeiros a romperem com o paradigma da educação tradicional e verbalista da sua época. Esses educadores acreditavam que as crianças menores de seis anos tinham capacidade para aprender, pois antes as crianças eram “jogadas” nas escolas que pareciam depósitos para guardá-las e que tinha como única finalidade cuidar e não educá-las.

Assim sendo, segundo Andrade (2015, p. 24), “A escola, para Froebel, é o lugar onde a criança deve aprender as coisas importantes da vida, os elementos essenciais da verdade, da justiça, da personalidade livre, da responsabilidade, da iniciativa, das relações causais e outras semelhantes, cujo propósito estaria não as estudando, mas vivendo-as”. Diferentemente dos países europeus, as creches surgiram no Brasil, segundo Oliveira (2011, p. 91), na segunda metade do século XIX, no período da abolição da escravidão, com o surgimento da urbanização, devido à chegada dos imigrantes, pois esses fatores influenciaram para a criação de uma reforma social e cultural. Nesse contexto, o campo educacional foi influenciado pelo modelo europeu que pregava a ideia de “jardim de infância”; essa ideia que gerou muitas discussões políticas. Todavia, a implementação dos jardins de infância no Brasil foi marcada pelo caráter

assistencialista, sendo um lugar que servia simplesmente para guardar as crianças, ou seja, os jardins de infância eram vistos como obra de caridade e destinados aos mais pobres. No entanto, apresentavam dificuldades para serem mantidos pelo poder público.

Oliveira (2011, p. 93) aponta que “enquanto essa questão adquiriu grande centralidade no debate público, em 1879 no Rio de Janeiro e 1877 em São Paulo, foram criados os primeiros jardins de infância de caráter privado”. Por volta de 1930, aconteceu um movimento centrado no jardim de infância com a finalidade de salvar as crianças do fracasso escolar e social e foram os primeiros jardins de infância públicos, inspirados em Froebel, ou seja, ao nível de Kindergarten (jardim de infância), diferentes das casas assistencialistas existentes na época, incluindo uma programação pedagógica. De acordo com Conrad (2000), Froebel considerou o jardim de infância como primeira etapa de um ensino educacional unificado direcionado à todos, evidenciando que o pensamento de Froebel sobre o jardim de infância não se reduzia ao atendimento caridoso e assistencialista de crianças cujas mães trabalhavam, mas como instituição educativa para todos as crianças, diferentemente do modelo que apenas se preocupava em cuidá-las e protegê-las.

Dessa forma, com as influências de Pestalozzi e Froebel entre outros autores, os processos de implementação de creches e pré-escolas no Brasil passaram por várias transformações ao longo dos anos, no contexto de luta e conquistas de melhores condições educacionais, até chegar a um ensino gratuito e para todos. Embora a educação das crianças tenha sido apontada em outras Constituições brasileiras como a de 1946, foi com a Constituição Federal de 1988 que surgiram novos avanços e conquistas com relação à educação das crianças, principalmente a sua consideração legal como sujeitos de direitos. A LDB de 1996 ressalta em seu Art. 2º “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educado, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Desse modo, essa lei coloca em vigor a condição das crianças como tendo os seus direitos assegurados e garantidos, cabendo ao Estado o dever de zelar para que isso aconteça, como também a família que passa a dividir a responsabilidade da educação de seus filhos junto com o Estado.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB 9394/96, também assegura esse direito evidenciando que a educação de crianças, desde o nascimento até os cinco anos de idade, se constitui como primeira etapa de Educação Básica, tendo a Educação Infantil como objetivo exercer duas funções, a de cuidar e de educar, deixando de lado a ênfase dada somente

ao caráter de cunho assistencialista. Nesse sentido, conforme define o Artigo 29 da LDB: “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996).

Dessa forma, a escola e o professor são de importância fundamental para os educandos infantis, na medida em que estimulam as crianças para o desenvolvimento da linguagem, da cognição, a criatividade, a imaginação e a afetividade. Estes são elementos essenciais para o desenvolvimento humano, propiciando assim condições de interação entre adultos e crianças, além de promover também o cuidar da criança, disponibilizando um espaço formal que deve proporcionar alimentação, lazer e limpeza. Nessa perspectiva, a Educação Infantil tem a responsabilidade de estimular as crianças nas diferentes áreas de desenvolvimento, aguçar a sua criatividade e habilidades, permitindo que as crianças sejam espontâneas e felizes no ambiente escolar e que tenham um professor-orientador nesse ambiente educativo.

1.6 A ATUAÇÃO DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalhar com crianças pequenas exige uma formação específica do educador, visto que este ofício não é meramente uma tarefa de guardar as crianças, mas requer uma imensa responsabilidade educacional para a qual são precisos saberes teóricos claros, práticas intencionais, planejamentos e registro e avaliações das atividades desenvolvidas em sala de aula. Nesse contexto, para atuar na educação básica é imprescindível o nível superior, segundo a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Em seu Artigo 62, atribui a definição profissional nas seguintes modalidades:

A formação de docentes para atuar na educação básica forma-se em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidade e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para ao exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras series do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

Nesse sentido, a LDB deixa explícita que, para exercer a formação inicial docente, faz-se necessário a exigência de formação em cursos superiores. Entretanto, muitos sistemas educacionais insistem em perpetuar a atuação de profissionais sem formação ou com ensino

médio, e poucos com cursos de Pedagogia para trabalhar em sala de aula. Vale salientar que o pedagogo apresenta várias atribuições específicas para lidar diretamente com a formação humana, propiciando o desenvolvimento de conhecimentos sistematizados, organizados e claros, no espaço escolar e não escolar, na Educação Básica, e tem a docência como fundamento na sua ação pedagógica intencional.

É notório ainda hoje que as atribuições e funções do professor da Educação Infantil apresentam aspectos contraditórios. Isso porque embora seja claro que a formação e as habilidades do professor são importantes, todavia elas não são suficientes para a realização competente do trabalho docente. Com isso, é imprescindível que o professor seja comprometido com as mudanças educacionais e sociais, que busque adotar novas competências que lhe proporcione a flexibilidade, uma boa relação para atender a diversidade de alunos e adaptar-se as novas situações. Para Delors (2006, p.155),

O professor deve estabelecer uma nova relação com quem está aprendendo, passar do papel de “solista” ao de “acompanhante”, tornando-se não mais alguém que transmite conhecimentos, mas aquele que ajuda os seus alunos a encontrar, organizar e gerir o saber, guiando, mas não modelando os espíritos, e demonstrando grande firmeza quanto aos valores fundamentais que devem orientar toda a vida.

O professor, na contemporaneidade, está vivenciando um momento histórico interligado à construção da sua identidade profissional, a profissionalização, a formação inicial e a continuada, permitindo assim a reunião desses requisitos ao longo da sua trajetória profissional de educador. E nessa relação, a identidade profissional perpassa o contínuo e inacabado processo de construção, já que a cada dia torna-se necessário uma formação profissional em constante atualização, tempo disponível para o planejamento de trabalho de acordo com a realidade dos alunos e elaborar de maneira detalhada os seus materiais de trabalho.

Nesta perspectiva, o professor constrói saberes em um sentido mais amplo e não limitado ao concluir os cursos de licenciaturas. Dessa forma, o educador precisa estar em contínuo processo de transformação da realidade, uma vez que é na sua prática, no compartilhamento de saberes, na ousadia e busca do saber que se dá o aprendizado significativo da sua profissionalização. Para Nóvoa (1995, p.23), “A profissionalização é um processo, através do qual os trabalhadores melhoram o seu estatuto, elevam os seus rendimentos e aumentam o seu

poder, a sua autonomia”. Sendo assim, o professor torna-se um agente capacitado para gerir o seu próprio fazer, capaz de criar, elaborar e sistematizar conhecimentos questionados no espaço escolar.

O professor da Educação Infantil, além de contribuir para a formação do sujeito, também precisa respeitar e utilizar o lúdico no andamento das atividades pedagógicas em sala de aula. Os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (2016) ressaltam que é importante trabalhar os seguintes temas para o desenvolvimento integral da criança: Movimento, Linguagem Oral e Escrita, Música, Artes Visuais, Natureza, Sociedade e Matemática, com o objetivo de propiciar a interação com as outras crianças e adultos, ampliando as suas relações sociais, permitindo a construção não somente de significados sobre o mundo e de si mesmo, mas também a construção da identidade pessoal da criança, a sua autonomia e o seu pensar e agir nas soluções dos problemas cotidianos do simples ao mais complexo. Nesta perspectiva, relacionando a ação do professor para a aprendizagem da criança, Gonzaga (2009, p. 39) afirma que:

[...] a essência do bom professor está na habilidade de planejar metas para aprendizagem das crianças, mediar suas experiências, auxiliar no uso das diferentes linguagens, realizar intervenções e mudar a rota quando necessário. Talvez, os bons professores sejam os que respeitam as crianças e por isso levam qualidade lúdica para a sua prática pedagógica.

Neste sentido, um bom professor é aquele que busca levar o aluno a questionar, a refletir, a despertar a curiosidade, a conhecer intimamente os seus pensamentos, propiciando assim desafios em suas aulas, garantindo um ambiente seguro, diversificado, dinâmico, favorecendo a construção ou reconstrução dos seus próprios conhecimentos, constituindo-se como sujeito histórico, único e singular na sua família e na sociedade que está inserido.

Sabemos que atualmente a Educação Infantil passa por mudanças significativas. Dessa forma, pode-se compreender a função social e política nesse campo educacional, bem como o conceito de criança e o seu processo de aprendizagem, em que é preciso conhecê-la como um sujeito histórico, social, cultural, biológico e um cidadão de direitos. No entanto, algumas situações na área da Educação Infantil precisam ser defendidas e efetivadas na política nacional. A realidade de hoje ainda causa preocupações, pois faltam investimentos materiais e financeiros, bem como nos processos de formação dos profissionais que atuam nesta modalidade de educação.

Dessa forma, é importante a efetivação de políticas públicas consistentes que prezem pela qualidade dos processos de qualificação desses profissionais objetivando a melhoria das práticas educacionais endereçadas aos educandos. Nesta perspectiva, será assegurado o objetivo de propiciar atendimento educacional adequado às crianças, visando-se o desenvolvimento da sua criatividade a partir de práticas pedagógicas que primem pela ludicidade e pela participação dos educandos nos seus processos de aprendizagem considerando-se as suas necessidades educacionais.

2 ELEMENTOS METODOLOGICOS

A abordagem metodológica escolhida para a pesquisa em tela foi a abordagem qualitativa. Esta apresenta um caráter investigativo e exploratório, com intuito de buscar conhecer os sujeitos, a sua realidade, suas experiências e suas estruturas sociais. Vale destacar que o trabalho de pesquisa preza pela qualidade da interpretação dos fatos, e não pela quantificação de tais fatos que padronizam as informações. Tais afirmações, têm ressaltado Minayo (1994, p. 21), quando diz que “A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado.” Nessa mesma perspectiva, Oliveira (2008, p. 37) conceitua a abordagem qualitativa da seguinte maneira:

Entre os mais diversos significados, conceituamos abordagem qualitativa ou pesquisa qualitativa como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação. Esse processo implica em segundo a literatura pertinente ao tema, observação, aplicação de questionários, entrevistas e análises, que deve ser apresentada de forma descritiva.

Essa abordagem de pesquisa caracteriza-se como um processo que envolve inúmeros fatores, sendo necessário ao pesquisador ter clareza com relação à realidade a ser investigada, envolvendo fundamentalmente a teoria e os estudos das percepções pessoais do sujeito a ser pesquisado. Dessa forma, a pesquisa qualitativa procura alcançar, por meio do estudo de campo, não somente uma aproximação com o objeto a ser investigado, mas também produzir conhecimentos acerca do lugar onde estão inseridos os sujeitos pesquisados, partindo-se principalmente do estudo da sua realidade local e presente.

Desse modo, tornou-se imprescindível que o pesquisador, ao adentrar no campo pesquisado, compreenda que existem inúmeras revelações e informações sobre o contexto onde se insere o objeto. Assim, se faz necessário que ele tenha um olhar observador, essencial para adquirir conhecimentos relevantes durante o estudo de campo. Segundo Silva (2011), “A pesquisa de campo visa dirimir, ou obter informações e conhecimentos a respeito de problemas para os quais se procura resposta ou a busca de confirmação de hipóteses levantadas e, finalmente, a descoberta de relações entre fenômenos [...]”.

Com relação ao procedimento da coleta de dados, utilizamos a entrevista semiestruturada. Esta possibilita uma relação entre o pesquisador e o sujeito pesquisado e, através dessa relação, é possível adquirir as informações que servirão de base para construirmos o conhecimento organizado sobre o objeto investigado. Conforme Lakatos (2010, p. 180), na entrevista semiestruturada:

Há um roteiro de tópicos relativos ao problema que se vai estudar e o entrevistador tem liberdade de fazer as perguntas que quiser: sonda razões e motivos, dá esclarecimentos, não obedecendo, a rigor, a uma estrutura formal. Para isso, não necessárias habilidade e perspicácia por parte do entrevistador. Em geral, é utilizada em estudos de situações de mudança de conduta.

Assim sendo, essa entrevista caracteriza-se por questionamentos simples que são fundamentados pelas teorias e hipóteses relacionadas ao tema da pesquisa. É a partir dos questionamentos e das perguntas respondidas pelas informantes que surgem as novas hipóteses. Essa modalidade de entrevista centra-se em um determinado assunto, e é a partir dele que elaboramos um roteiro com perguntas que dão margens as outras questões ligadas às repostas dos entrevistados, proporcionando depois uma organização precisa, clara e objetiva que favorece a produção de análises qualitativas.

Para o processo e tratamento dos dados, como parte do trabalho das análises, foi utilizado, segundo Laurence Bardin (1995), um conjunto de técnicas de análises de comunicação que possibilitam um leque de informação por meio da flexibilidade e da ampliação da comunicação entre o pesquisador e o entrevistado. A princípio, foi feita uma leitura das entrevistas, depois uma leitura vertical, com o intuito de entender o discurso no todo, de cada relato das entrevistadas. Organizamos a “análise de enunciado” e, na sequência, fizemos a leitura horizontal e realizamos a “análise temática”.

Vale salientar que neste tipo de instrumento de coleta de dados, ou seja, na entrevistas emiestruturada, existem alguns procedimentos indispensáveis para o seu desenvolvimento, tais como: explicar aos entrevistados como as informações foram utilizadas; se eles permitem ser identificados; e se aceita gravar os seus depoimentos por meio de um gravador. Os sujeitos desta pesquisa foram professores que atuam na área da Educação Infantil, em uma escola da rede municipal da cidade de Sousa-PB. Dentro dessa população, trabalhamos com uma amostragem constituída por 6 sujeitos que serão entrevistados.

Esta pesquisa, considerando-se as afirmações de Gil (1987), se caracteriza como estudo de caso porque tem como objetivo investigar profundamente um ou poucos sujeitos para obter grande quantidade de informações, que foram disponibilizadas pelos entrevistados, respeitando suas características pessoais e sociais, importantes para a composição da sua identidade profissional docente.

3 QUADRO ANALÍTICO

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE SOB O OLHAR DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste capítulo, apresentamos as nossas análises sobre o material empírico dessa pesquisa, objetivando evidenciar como tem se dado o processo de construção da identidade profissional docente dos sujeitos dessa pesquisa, expondo reflexões, argumentações e interpretações a partir dos relatos coletados por meio das entrevistadas. Introduzindo o tópico, assinalamos os procedimentos adotados para processar e tratar os dados coletados, como já apontado no tópico anterior, por meio de entrevistas semiestruturadas individuais aplicadas a 06 docentes da educação infantil de escolas situadas na zona urbana da cidade de Sousa-PB.

Para realizar o processamento e tratamento dos dados como parte do nosso trabalho de análises, seguindo as indicações de Laurence Bardin (1995) para a análise de conteúdo, realizamos, primeiramente, uma leitura geral e espontânea das entrevistas – “leitura de pré-análise” - e, em seguida, fizemos uma leitura vertical das entrevistas, visando compreender o discurso posto na totalidade de cada entrevista para elaborarmos a “análise de enunciação”; na sequência, fizemos uma leitura horizontal das entrevistas para efetuarmos a “análise temática”. Desse modo, buscamos enxergar os seguintes temas: o processo de escolha da profissão pelas docentes entrevistadas, seus sentimentos em relação ao seu trabalho, os seus conceitos acerca da infância, a organização e fundamentação das suas práticas pedagógicas e as suas atribuições à universidade e as contribuições dessa instituição para a sua formação profissional.

Ainda como procedimentos para o processamento e tratamento dos dados e fazer as interpretações de tais dados, levamos em conta o número de vezes que os entrevistados referiram-se a determinados temas e a relevância das suas respostas. Assim, organizamos este tópico em função dos temas sobre os quais falaram as entrevistadas, formando a nossa visão e compreensão do todo, ou seja, um mapa sistemático, com a finalidade de buscar entender e atender as questões apresentadas nos objetivos desta pesquisa. Para fazer a análise desses dados, utilizamos material bibliográfico de diferentes autores.

Tanto os que estão postos no referencial teórico deste trabalho, como outros que trabalham na mesma perspectiva e que tivemos contato após escrever o referencial. Esse material bibliográfico nos ajudou a compreender e a fundamentar o posicionamento e as ideias das entrevistadas. Os sujeitos da pesquisa, seis professores de duas escolas públicas da cidade de

Sousa-PB, para efeito de estudo e objetivando guardar sigilo das identidades das docentes entrevistadas, todas foram identificadas na sequência alfabética. Esses dados de identificação estão apresentados no quadro abaixo, no qual elaboramos uma caracterização das professoras participantes da pesquisa para um melhor conhecimento dessas no que diz respeito às suas idades, formação e o tempo de atuação na Educação Infantil.

Professores	Idade	Especialização	Mestrado	Tempo de atuação na escola
Professora A	55 anos			17 anos
Professora B	38 anos			10 anos
Professora C	60 anos			29 anos
Professora D	27 anos			01 ano
Professora E	49 anos	Psicopedagogia		06 anos
Professora F	33 anos	Metodologia do Ensino		07 anos

A OPÇÃO PELA DOCÊNCIA E OS CURSOS DE FORMAÇÃO

Existem muitos fatores que influenciam para a escolha de ser professor, sejam as características individuais, as convicções familiares, ou as questões de ordem socioeconômicas ou intelectuais. Os relatos das professoras entrevistadas acerca das suas trajetórias docentes nos possibilitam compreender como elas abordam os processos em que estiveram e estão envolvidas na construção da sua identidade profissional docente, ou seja, a escolha em ser professora da Educação Infantil. As experiências vividas pelas docentes anteriores à escolha por um curso de licenciatura não podem ser desconsideradas, uma vez que estas não são neutras, mas sim, influenciadas por diferentes fatores, tais como: o projeto de vida elaborado, ainda, na infância e as imagens construídas sobre o ser professora e a profissão docente. Pensando nisso, indagamos as professoras entrevistadas sobre o porquê da escolha em ser professora, ou seja, como se deu esse processo.

Sobre as respostas dadas a essa questão, as entrevistadas afirmam que a escolha pela profissão aconteceu pela influência da família, pelos sonhos de criança, ou ainda devido aos

discursos veiculados pelos meios de comunicação em que aparece a profissão de professora como modelo e a baixa concorrência para a seleção de ingresso no curso de Pedagogia. Essas identificações sociais e pessoais apresentadas pelas professoras entrevistadas ainda em seu processo de escolha pelo curso de Pedagogia permitem-nos compreender os dados explicativos de suas escolhas e suas futuras relações com os perfis institucionalizados, socioeconômicos e culturais do ser professora.

Como já apontado, a escolha por um determinado curso e a decisão de atuar profissionalmente na área desse curso depende de circunstância diferenciada para cada sujeito. No caso da Professora D, essa afirma não ter escolhido ser professora, de ter resistido a fazer o curso de pedagogia e de não ter, à época, intenção de atuar na área de educação e que fez o curso de pedagogia por pressão familiar, mas poderia ter sido qualquer outro curso, já que a pressão familiar não era para que ela cursasse pedagogia em específico, mas um curso superior. Nesse sentido, a escolha pelo curso de formação docente se deu por influência da família, pois nem todo adolescente tem autonomia para decidir uma coisa tão importante, que obviamente pode mudar seu futuro, a escolha pela profissão. A Professora D assim se expressa:

Bom, na verdade eu não escolhi ser professora, é eu passei duas vezes no vestibular para o curso de pedagogia, a primeira vez eu não vim fazer a matrícula, na segunda vez eu vim, mas não com a intenção de fazer o curso, com essa intenção de atuar na área de Educação docente. [...] vim por impulso da minha família para fazer um curso superior, mas a partir do momento que comecei a ver aquele universo novo de conhecimento eu comecei a gostar da docência.

Desse modo, a professora afirma que passou duas vezes no vestibular para o curso de Pedagogia. Na primeira vez, não fez a inscrição. Na segunda vez, foi feita a sua matrícula para ingressar no curso de Pedagogia, mas pela vontade da sua família, pela obediência a sua mãe, que idealizava e sonhava com um futuro melhor para sua filha. Acreditava que por meio de um curso superior, ela poderia construir um perfil cujo acesso ao ensino superior é representado pela possibilidade de ascensão social e econômica. Dessa forma, é perceptível a escolha de ser professora pela necessidade de se profissionalizar em seu ambiente familiar para garantir o sustento futuro, o retorno de recursos financeiros que poderá obter pelo desenvolvimento do seu trabalho como professora da Educação Infantil. A professora também afirma que “a partir do

momento que comecei a ver aquele universo novo de conhecimento, eu comecei a gostar da docência”.

Nesta perspectiva, a professora deixa explícito que, ao conhecer a docência como profissão e ao desenvolver as suas práticas pedagógicas, ela afirma um compromisso profissional com a sua identidade, com a sociedade na qual está inserida. Isso porque o professor é responsável por mediar conhecimentos, conteúdos, propiciando o desenvolvimento das potencialidades, das habilidades e a criatividade das crianças e, ao mesmo tempo em que desenvolve com prazer as suas aulas, o professor aumenta a sua autonomia, a sua auto-confiança, e vai se construindo como profissional da área de ensino, pelos seus saberes das experiências refletidos na ação e sobre a ação. Sobre isto, diz Pimenta (1997): “O profissional não pode constituir seu saber fazer, senão a partir de seu próprio fazer”, ou seja, das suas práticas fundamentadas teoricamente, e dos seus saberes específicos ao seu trabalho de professor. Dessa forma, a identidade docente é compreendida como um processo contínuo que é construído pelo professor no início da sua carreira, por meio das suas referências interpretadas e pelos significados atribuídos ao longo das suas atividades e práticas pedagógicas em sala de aula.

Quanto à Professora E, essa afirma:

Na verdade eu comecei, eu pensava, eu intencionava fazer nutrição, ai minha mãe foi quem disse assim: minha filha todo mundo estuda em Cajazeiras e você vai estudar fora. Então aquilo foi mais por obediência, ai então eu coloquei Pedagogia. [...] minha irmã é professora, minhas outras irmãs também, uma família inteira de professores, e eu queríamos fazer a diferença,mas ai eu vi que eu estava com esse carisma também, ai foi assim que aconteceu.

Desse modo, a Professora E idealizava atuar na área de nutrição. No entanto, devido à preocupação da sua mãe com o fato dela ter que se deslocar para outra cidade para fazer o curso, e pelo caso de muitas pessoas da sua família atuarem na área da educação, ela acabou escolhendo cursar Pedagogia. Desse modo, podemos perceber uma tensão da professora entre a vontade própria de escolher outro curso e a vontade da sua mãe, a tensão em fazer a diferença e a imposição de seguir na mesma profissão das suas irmãs e tias, como se ser professora fosse um carma, um destino.

A escolha da profissão é muito importante, visto que esta é responsabilidade de cada indivíduo que ao escolher a sua profissão acaba adquirindo um status social e profissional atribuído ao desenvolvimento do seu trabalho no interior da sociedade em que vive, iniciando

assim a construção do processo da sua identidade profissional. Neste sentido, vale salientar, como afirma Sousa Neto (2005, p. 250), que “Essa identidade entre pessoas a partir de fazeres e saberes é algo que permite situar no interior das sociedades os papéis que executam e ao mesmo tempo suprir a sociedade daquilo que ela necessita em dado momento histórico”.

Vale salientar, em seu relato, essa professora enfatizar que tinha a certeza que iria ser diferente da maioria dos membros femininos da sua família, pois esses atuam na área da educação, são professoras. Nessa tradição familiar, podemos evidenciar que na década de 1970, ser professora era uma profissão efetivamente recomendada pela sociedade para as mulheres, pois a docência era associada à maternidade, isso porque a mulher representava uma figura aproximada à maternidade, trabalhadora dedicada, dócil e pouco reivindicadora. Esse discurso tomou proporção no ideário de políticos e pensadores. Desse modo, a profissão de professora vai se solidificando historicamente e culturalmente até chegar aos dias atuais, justificado como um ofício a ser desenvolvido por mulheres, com baixos salários e pouco valorizado. No caso da professora entrevistada, a escolha pela profissão vem se perpetuando de geração em geração na sua família.

É notório também na fala da professora um pensamento de fuga e de resistência sobre a profissão de magistério, negando a profissão da sua família ao relatar que seu interesse era atuar na área de nutrição. No entanto, ao iniciar seus estudos no curso de Pedagogia e ter a sua primeira experiência no estágio supervisionado em Educação Infantil na condição de docente, como se pode ver na fala selecionada da entrevista da professora: “[...] eu já estava no estágio para finalizar que despertou esse interesse. Foi a partir dessa experiência que eu vi como era gostoso ensinar”.

É visível que esta se conhece na profissão com habilidades consideradas para trabalhar na Educação Infantil, ao afirmar a sua identidade profissional docente e identificar-se com as características atribuídas pela sociedade para trabalhar com as crianças pequenas, tais como: carisma, docilidade e paciência, deixando transparecer o seu amor pela profissão ao se identificar como professora da Educação Infantil nos seis anos de trabalho. Desse modo, é fortalecido o discurso da prática docente como sendo ação feminina, voltada também para a afetividade, autonomia, disponibilidade, atributos importantes para exercer o trabalho na Educação Infantil.

Com relação à Professora C, ao responder sobre a escolha pela profissão, apresentou em sua expressão fácil um comportamento irônico, pensou um pouco e sorriu, “Bom vou falar a verdade viu...Risos... Olhe eu não tinha ideal nenhum ser professora”, deixando explícito um

olhar depreciativo pela profissão ao relatar que não imaginava e nem tão pouco idealizava ser professora. No entanto, ao proceder em seu discurso a professora assinala em seu relato que escolheu essa profissão ao receber um convite impositivo de seu ex-professor para substituir uma colega.

Foi por meio dessa experiência em trabalhar na sala de aula, na condição de professora da Educação Infantil, que proporcionou o autoconhecimento da sua identidade profissional. Surgiu a inesperada identificação com o trabalho docente, fazendo com que esta despertasse o interesse de buscar a formação inicial, a qual fornece condições aos futuros profissionais da educação a compreensão de suas práticas pedagógicas e a sua constante relação com as teorias. A professora também apresenta percepção para desenvolver seu ofício com compromisso, satisfação e prazer, permitindo assim a sua escolha em permanecer atuando na profissão de professora da Educação Infantil até nos dias atuais.

Ela relata sobre o seu amor pela profissão quando deixa transparecer em sua face a contagiante alegria em nos falar acerca da sua escolha pela profissão. A princípio, não era o seu interesse ser professora, devido à desvalorização social e econômica, mas no seu caminhar pela profissão, passou a se identificar e a realizar seu trabalho com alegria e dedicação, visto que “não se vê fazendo outra coisa”.

Bom vou falar a verdade viu... Risos... Olhe eu não tinha ideal nenhum ser professora, mas um dia eu estava em casa e chegou um professor, que já tinha sido meu professor, e me convidou para substituir uma professora, aí eu fiquei e ele já foi dizendo, você vai ficar no lugar da professora e pronto, aí eu não tinha ideal, ele me convidou e eu fui, sem saber se dava certo, aí depois que comecei, to até hoje, e não me vejo fazendo outra coisa. (Professora C)

Já no relato da Professora F, a princípio ela ressalta claramente como “se transformou em professora”, ou seja, foi a partir das suas características pessoais, dos conhecimentos teóricos, das interações vivenciadas no interior e exterior do âmbito escolar, o contexto em que trabalha e o modo de pensar e agir no cotidiano das suas práticas pedagógicas, que contribuiu e contribui para a construção da sua identidade profissional docente, visto que esta é inacabada.

O fator provável pela escolha citada pela professora, que já tinha cursado o Pedagógico no Ensino Médio por influência e incentivo de seus amigos, escolheu cursar a licenciatura em Pedagogia por ser um curso mais compatível com a sua condição financeira, deixando explícito em suas palavras o seu medo, a falta de preparo para competir intelectualmente no ingresso ao

curso de Direito, esse curso que propicia possibilidades de carreiras favoráveis e bem remuneradas no mundo do trabalho. Por esse motivo, é um dos cursos superiores mais buscados e a sua “concorrência era altíssima”. Desse modo, a professora acabou escolhendo pedagogia como algo indesejado, um castigo, afirmando ainda ser um curso de baixa competição que favoreceu no processo seletivo para o seu acesso.

Ai vem como eu me transformei em professora, terminei o nível médio, tentei vestibular pra Direito, não passei, não era como o sistema de Enem, 2004 teve Enem, o primeiro ano do Enem, só que em 2004 só era para bolsista de pedagogia e eu não arrisquei, eu quis direito, quando foi no ano seguinte eu sem fazer nada, tinha terminando o ensino médio, eu queria começar uma faculdade, ai minha turma de amigos que fez o ensino médio comigo, disse: vamos estudar o Pedagógico, ainda tinha o Pedagógico aqui na cidade, na escola Normal, ai eu disse: vamos[...] Depois já fiz vestibular, passei para Pedagogia porque eu tinha olhado Direito e a concorrência era altíssima, ai eu coloquei Pedagogia porque era o mais baixo, ai eu já tinha o Pedagógico e iria continuar sendo professora, enquanto eu não consigo fazer Direito. (Professora F)

Ainda com relação à Professora F, essa afirma que a escolha pela profissão “é a pergunta que todo mundo faz quando a gente é professora, especialmente hoje, que nós passamos por críticas, má remuneração, não tem progressão no trabalho, e tem a desvalorização, ver a gente jovem querendo né, ai fala: por que você não procura fazer outra coisa?”.

É visível a atitude negativa considerada pela sociedade ao estabelecer a profissão de professora da Educação Infantil, justificando na atitude escapatória dessa professora, ao argumentar que escolheu o curso de Pedagogia por se tratar da sua baixa concorrência em relação ao curso de Direito, considerado pela sociedade um curso de maior prestígio. Vale salientar que estas perspectivas estão relacionadas ao status profissional e social, ou seja, são valores sociais legitimados atribuídos à profissão do professor da Educação Infantil e que perpassa até os dias atuais como categoria desvalorizada.

No entanto, embora a professora enfatize sobre a má remuneração e a ausência de avanços significativos para seu trabalho, segundo seus relatos e a contribuição da experiência no Pedagógico, passou a gostar e dedicar-se à profissão. Podemos perceber que, embora os percursos das professoras sejam singulares, é notório que a escolha pela profissão docente não é um fato decorrente de uma escolha livre de pressões, mas um produto de prescrições e de determinados valores familiares, sociais e culturais.

Duas entre seis professoras entrevistadas se referem à escolha da profissão ainda na infância. A Professora A afirmou: “Desde menina eu tinha esse sonho de ser professora, eu achava assim, eu tinha muita coisa para fazer pelas crianças”. E a Professora B, salientou o seguinte: “Porque foi um sonho desde criança, eu quis ser professora”.

Desse modo, a Professora A relata que desde sua infância tinha o sonho de ser professora. Ao brincar com suas bonecas, se referia ao ser professora de crianças em um mundo de faz de conta, levando esse sonho à concretização na sua vida adulta. Já a Professora B em seu relato, volta às suas memórias em que desenhava o modelo de professora ao assistir televisão na sua casa ainda na infância, ou através da sua vivência escolar que foi marcada por experiências na relação professor e aluno. Dessa forma, as trajetórias vivenciadas pelas professoras contribuíram fortemente para que se tornassem professoras da Educação Infantil. Nessa perspectiva, percebe-se a satisfação, o orgulho e o interesse das professoras pela escolha da profissão, mostrando nos variados relatos uma visão romântica da profissão.

Diferente das demais professoras entrevistadas, na escolha das professoras A e B nota-se de um lado o nível de satisfação e o orgulho em ser professora da Educação Infantil, mesmo com a desvalorização da profissão, a má remuneração e o fato de que grande parte da população estudantil, mesmo quando procura por um curso de licenciatura, não deseja ser professor da Educação Infantil. Por outro lado, temos as escolhas da profissão por obediência à família, ao aceitar a sugestão da sua mãe em continuar a tradição da escolha pela profissão docente e, por um acaso de substituição, ou ainda por se tratar de um curso de baixa competição para acessá-lo, às impulsionaram a seguir o caminho para a docência.

Nessa perspectiva a identidade docente é fundamentada pelo significado social. Em um determinado contexto histórico, este se baseia na história de vida das professoras, nos seus valores e concepções pessoais. Neste caso, vale destacar a afirmação de Santos e Braga (2015, p. 65): “Essa tomada de decisões e realização de escolhas quanto aos seus processos formativos vai tornando o aprendente autor não só da sua história, mas igualmente, de uma história social, pois ele não está isolado no mundo, mas em relação com o mundo”.

É importante salientar que, no perfil institucional docente para trabalhar com as crianças, faz-se necessário que o professor tenha conhecimentos sobre o desenvolvimento da criança, que realize um trabalho competente, aliando o desejo pessoal e o compromisso com os valores culturais, históricos e sociais que estão na gênese da sua formação e no desenvolvimento de habilidades específicas requeridas pela prática diária, como também intencionalidade e

organização sistematizada no âmbito escolar. É o que está afirmado nos Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (2006, p. 15) com relação ao papel específico dos profissionais da Educação Infantil. Nesses, lê-se que:

Captar necessidades que bebês evidenciam antes que consigam falar, observar suas reações e iniciativas, interpretar desejos e motivações, são habilidades que profissionais de Educação Infantil precisam desenvolver, ao lado do estudo das diferentes áreas de conhecimento, que incidem sobre essa faixa etária, a fim de subsidiar de modo as decisões sobre as atividades desenvolvidas o formato de organização do espaço do tempo, das matéria se dos agrupamentos de crianças.

Neste sentido, a função social do professor é ensinar às crianças aquilo que elas, ainda, não sabem organizar os conhecimentos prévios das crianças de forma sistematizada e promover o desenvolvimento cognitivo, afetivo, físico e motor dos seus alunos. Sendo assim, o professor é aquele responsável em educar, estimular o processo de aprendizagem e proporcionar a igualdade de oportunidade para seus alunos. Nessa perspectiva, ser professor é a maneira de ser de um sujeito que vive em um determinado contexto histórico e cultural em que se coloca como o indivíduo atuante em uma carreira profissional.

SENTIMENTOS E PERCEPÇÕES DOCENTES SOBRE SI E SOBRE A DOCÊNCIA

Compreender como as professoras se sentem na condição de docentes da Educação Infantil foi o objetivo da segunda pergunta da entrevista. Sobre essa questão, a Professora D assim se manifestou: “Eu me sinto muito bem, é um misto de alegria, de satisfação, de poder estar com aquelas crianças né, porque eu costumo dizer eu amo eles de uma forma diferente, não é amar como você ama um parente seu, é amar com mais fervor”.

Podemos ver nessa resposta que a Professora D sente plena satisfação em desenvolver o seu ofício voltado para a Educação Infantil, chegando a declarar seu amor pelas crianças, deixando explícito a sua dedicação e a preocupação com o desenvolvimento integral dos seus alunos, contribuindo assim satisfatoriamente para o desenvolvimento das habilidades deles, visto que a Educação Infantil é a fase mais importante para a criança, pois é um momento que esta recebe estímulos que a influenciarão por toda sua vida. E nesse processo de aprendizagem, o professor é responsável em auxiliá-los, garantindo uma aprendizagem significativa por meio do seu trabalho qualificado.

A questão de como a professora se sente em desenvolver a docência pode ser identificada na medida em que esta apresenta a sua percepção sobre como encara o trabalho docente. Assim, a Professora D expressa como o encara:

É uma preocupação a mais, porque você estar ali à manhã todinha com eles, eu passo a manhã todinha com eles então eu me sinto como se eu fosse uma partezinha deles, qualquer coisa que acontecer eu tenho que resolver, se eles estão tristes por alguma coisa que aconteceu em sua casa, eu me sinto na obrigação de tentar solucionar o que eles estão sentindo, porque eles são crianças, eles sentem as coisas diferentes, do que nós adultos, para eles são mais fervorosa aquela dor, se eles estiverem passando por aquele sofrimento.

Nessa perspectiva percebemos que a professora deixa claro também que, embora estejam todas as manhãs com as crianças, é importante buscar conhecer a realidade local dos seus alunos, os seus obstáculos diários, para que assim possa desenvolver um olhar observador acerca das crianças, já que compete ao professor identificar, criar oportunidades e ajudar os seus alunos a resolverem os seus conflitos internos e externos existentes na socialização e na formação humana das crianças, construindo uma boa relação entre professor-aluno.

Então, as falas dessas docentes nos permitem pensar a docência como uma atividade de amor, de doação e o gostar pelas crianças, ou seja, é uma ação profissional e tem como pressuposto o sentimento e a percepção de bem-estar sobre si mesmo ao desenvolver o trabalho docente. É explícito ainda na fala da Professora D uma visão poética e agradável da profissão, quando enfatiza várias vezes que sente muito prazer em desenvolver seu trabalho na Educação Infantil com as crianças e deixa claro em suas palavras: “Eu sinto alegria, eu sinto amor por aquilo que estou fazendo”. Variados relatos evidenciam um sentimento de satisfação, de contentamento e amor pelo trabalho docente, como se pode verificar nos excertos retirados das entrevistas, a exemplo do que fala a Professora D:

Então eu me sinto muito bem em tá na Educação Infantil, foi uma coisa assim, desde o começo eu já gostava de crianças, mas não é você só gostar não da criança. Você precisa ter uma afinidade a mais com elas, você tem que saber entender, saber ver as coisas, mesmo quando eles não falam, através de um olhar, de uma ação, através de um choro. Então é diferente mesmo, tem muita gente quando fala em Educação Infantil se espanta, mas eu gosto de está na Educação Infantil, é uma coisa que me dar prazer.

A professora também destaca a necessidade de construir laços de afetividade, confiança e amor com seus alunos. Na Educação Infantil, o professor mediador do conhecimento é também um parceiro da criança em seu processo de desenvolvimento afetivo e na sua aprendizagem. Desse modo, a função do professor também é construir uma relação afetivamente com as crianças, permitindo-lhes a liberdade de expressão, visto que a criança precisa de um adulto para acolher as suas emoções, para que assim possa estruturar seus pensamentos críticos. E o professor, ao alimentar esses pensamentos infantis, propõe às crianças não somente a ampliação e esclarecimentos dos seus comentários, das suas confusões e suas ações, mas também ajuda a criança a consolidar as suas ideias e a construir as suas possíveis hipóteses.

Dessa forma, a Professora B afirma: “Eu gosto de ser professora, é a área que me identifico como professora da Educação Infantil”. Já a Professora F diz: “Dentro da sala de aula eu me sinto extremamente bem”, e a professora C esclarece: “Me sinto feliz, eu gosto de trabalhar com as crianças, me identifico com a educação infantil, eu quero terminar ensinando a Educação Infantil”. Percebe-se que as respostas são complementares. As entrevistadas têm percepções positivas sobre si e se sentem bem como professoras da Educação Infantil, mostrando de formas diferenciadas o prazer de lecionar, juntamente com a expectativa de uma educação de qualidade, e assinalam a seriedade como se relacionam com o seu trabalho e com os seus alunos.

Vale destacar a fala da Professora F ao enfatizar que, em seu espaço de trabalho, identifica um olhar equivocado sobre a Educação Infantil por parte de colegas professores. Isso faz com que sinta indignação, suscitando uma postura afirmativa do seu trabalho. Essa professora relata que:

[...] da porta para lá, vários colegas de trabalho vê o professor da Educação Infantil com outros olhos, teve uma época que os professores mais velhos era quem ia para a Educação Infantil, era uma educação vista que não precisava de muita coisa, já por esse meu pensamento que a criança é só para brincar, os professores mais fraquinhos vão para a Educação Infantil[...].

Isso porque no âmbito escolar e para uma boa parte considerável da sociedade a profissão de professora da Educação Infantil é vista como um mero trabalho permeado somente pelo brincar e o cuidar. Ou seja, é um ambiente que compete a ser desenvolvido pelas pessoas consideradas “fraquinhas”, sem formação específica, sem o acúmulo de conhecimento acerca do desenvolvimento das crianças e pelas pessoas que estão perto da sua aposentadoria. Desse modo, é visível o descuido das políticas públicas com a Educação Infantil, visto que esse campo precisa

de professores qualificados para desenvolverem um trabalho especializado voltado para as crianças.

Neste sentido, vale enfatizar a falta de investimentos do governo para a formação inicial e continuada qualificada que possam abranger toda a carreira da docência, além da falta de recursos financeiros necessários, visto que, na realidade, muitas escolas não disponibilizam de materiais didáticos e fardamentos para os alunos. É o que vem afirmar a fala da Professora B "Falar de valorização com os governantes que a gente tem que desestimula a cada dia mais, na escola que trabalho o suporte que eles passam para a gente não é de boa qualidade, esse ano eu não tive livros para trabalhar com os alunos, não disponibilizaram de livros, alias de nenhum livro, nem farda e nem material didático nenhum, a gente que tem que se rebolar, e tem que dá uma boa aula ainda, a estrutura da escola também deixa muito a desejar".

E o relato da Professora F: "A gente não tem livro, a escola não tem material, a escola esse ano só me deu três resmas de folha, mil e quinhentas folhas, como a gente não tem livros por dia por media são três tarefas xerografadas, e onde é que eu faço isso, na minha casa, então assim, se nós da educação, não só da Educação Infantil pudéssemos ter mais recursos, a facilidade do nosso trabalho seria muito melhor". Outro fator de destaque e que intervém negativamente na formação do professor e na Educação é o baixo salário do educador dessa área de atuação e a sua intensa carga horária de trabalho.

Esses fatores negativos citados acima, presentes na Educação Infantil, fazem com que alguns professores desenvolvam um desencanto pela profissão, gerando uma identidade negativa acerca da sua identidade profissional docente, como afirma Sousa Neto (2005). Entretanto, com relação às professoras entrevistadas, estas afirmam que, embora no seu próprio ambiente de trabalho sofram opressão pela posição que se encontram em que ser professor da Educação Infantil é visto como um mero trabalho técnico, procuram desenvolver seu trabalho e a sua identidade profissional com competência, dedicação e amor. De acordo com Tardf (2010, p. 243),

[...] os professores só serão reconhecidos como sujeitos do conhecimento quando lhes concedermos, dentro do sistema escolar e dos estabelecimentos, o *status* de verdadeiros atores, e não o de simples técnicos ou de executores das reformas da educação concebidas com base burocrática [...] a desvalorização dos professores pelas autoridades educacionais, [...] não é um problema epistemológico ou cognitivo, mas político.

Desse modo, para que o ofício de professor da Educação Infantil tenha o seu valor reconhecido, é imprescindível que este possa agir com autonomia, assumindo as suas próprias práticas pedagógicas e educativas como autor da sua profissão. Vale salientar que, embora algumas escolas não disponibilizem recursos e materiais para que os professores possam trabalhar em sala de aula, eles precisam ter interesse em buscar criar e desenvolver subsídios norteadores para desenvolver suas práticas pedagógicas, facilitando o processo de aprendizagem para as crianças por meio da sua criatividade, dos seus saberes adquiridos durante a sua formação inicial, esta contribui significativamente para a construção da sua identidade profissional especializada.

Entretanto, é preciso também que o professor cobre do governo as ações condizentes com as promessas e investimentos na formação dos professores em prol de uma educação digna para o desenvolvimento das crianças. É necessário a implementação de políticas públicas para o atendimento às crianças, já que não basta somente garantir a sua vaga, ou acesso na Educação Infantil, mas proporcionar e garantir uma educação de qualidade. E a escola tem um papel social importante na formação dos indivíduos, responsável por construir um espaço de apreensão e transformação do saber. Dessa forma, o professor é a peça fundamental nessa ambiente de aprendizagem.

Com relação à fala da Professora F, esta deixa evidente a sua autoestima e o seu compromisso profissional como professora da Educação Infantil ao sentir muito orgulho e acreditar em seu trabalho e ao receber a valorização dos seus alunos, por meio dos seus retornos satisfatórios dos resultados produtivos no processo de ensino-aprendizagem. Nesse processo, as crianças constroem suas próprias opiniões, e o professor orientador estimula o aluno a questionar, pensar e aprender a sua realidade e buscar soluções para seus conflitos diários: “Hoje eu me considero uma excelente professora, eu me considero e não tenho vergonha de dizer e não é falsa modesta. O que eu faço com meus alunos, muitas escolas particulares ai não fazem o que eu faço, a minha prática aqui, aquilo que o aluno responde para mim, o que eu consigo com o aluno é fruto do meu trabalho” (Professora F).

O SER CRIANÇA NAS CONCEITUAÇÕES DAS PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao estudar sobre a construção da identidade profissional de professores da Educação Infantil, torna-se necessário compreender os diferentes conceitos das professoras entrevistadas sobre o que é o ser criança. Assim, muitas vezes quando pensamos em criança, logo vem em mente uma criatura meiga, pura e espontânea, mas esperta. Essas são imagens de crianças presentes no caso das professoras entrevistadas: “Criança é pureza, é você tá ali para descobrir o mundo junto com ela né, é aquele despertar para aprender”, Professora B; para a Professora C “Ser criança é inocente... Me perdi...Ser criança é criança mesmo, criança é espontânea, a criança não tem tempo ruim para ela, o que pensa ela diz, ela faz”, já a Professora E aponta que “Ser criança é você saber amar, é você saber perdoar, é porque a gente vê isso nas nossas crianças, crianças quando briga, briga na sala e de repente você olha e estão todas duas abraçadas, tão rindo, tão brincando, e eu desejo muito, todos os dias que eu entro na sala, meu Deus, eu desejo esses corações, eu desejo minha vida ser assim”.

E a Professora F: “Ser criança é tão bonito, ser criança é fundamental, ser criança é não ter maldade, até adulto se ele não for maldoso, se ele não for despretensioso ele pode ser uma criança. Ser criança é saber amar, é ver a vida como a criança vê, é olhar o outro como a criança olha, tudo que ela vê é diferente da forma que a gente vê, a gente vê com maldade”. Desse modo, as professoras entrevistadas acreditam na perspectiva romântica, em que vislumbra a criança como ingênua, graciosa e que precisa ser preservada de determinadas situações que ocorrem na sociedade. A Professora B também enfatiza que aprende junto com as crianças. Nessa perspectiva, para que o processo de aprendizagem se torne significativo e prazeroso para as crianças, o professor da Educação Infantil busca desenvolver atividades que permitam a construção de novos conhecimentos, proporcionando a ampliação de suas competências cognitivas, além de fortalecer o vínculo professor-aluno. Essa relação contribui para que a criança se sinta segura, confiante, além de reforçar a sua autoestima.

Para a minoria das entrevistadas, 2 entre 6, representada pela Professora D, entende-se por criança um ser espontâneo, que precisa ser livre para a sociedade, permitindo assim a sua interação com seus pares, construindo-se como ser de direitos, que precisa de cuidados, mas também de educação, de disciplina, de conhecer seus deveres de acordo com seus limites de maturidade. É o que vem afirmar a Professora D: “eu acho que o ser criança, é um sujeito que vai

ter que delimitar o cuidar e o educar. Que são os atos indissociáveis que a gente já viu muito, e também deixar ele livre para ele aprender com o mundo e aprender com você também, delimitando tudo [...]”.

Nesse sentido, o professor da Educação Infantil deve compreender a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, que promulga a finalidade do atendimento educacional de crianças de 0 a 5 anos. Diz: “A educação infantil é a primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança”. Neste processo histórico, a criança é um indivíduo que cria e recria cultura em um espaço de educação e cuidado e, para que isso aconteça, faz-se necessário a atenção e a orientação de um adulto, respeitando a sua singularidade, o viver da especificidade infantil, ou seja, a unidade da criança.

No relato da Professora D, quando esta fala do sujeito criança também enfatiza sobre a Educação Infantil ao afirmar:

Eu sempre friso, a Educação Infantil é primordial, não tem como uma criança ser, pular uma fase, a educação infantil. É fundamental para a fase da criança, é onde ela vai aprender tudo e vai só se desenvolvendo, é um caminhar, então quando a gente caminha, não pode pular um caminho para chegar lá na frente, é o que acontece com a parte da educação, a educação não pode passar de casa já para os anos iniciais, elas têm que passar por esse convívio da Educação Infantil, é um processo que tem que ser respeitada.

Nessa perspectiva, a Educação Infantil é de fundamental importância para o desenvolvimento da criança porque é nesse processo diário e educativo que o indivíduo aprimora as suas próprias competências e habilidades únicas e singulares de cada um. Esse caminho através da educação, das práticas educativas é trilhado pelo convívio, a socialização e o compartilhamento de conhecimentos, envolvendo uma produtiva relação entre professor e aluno, aluno e professor. Nesta dinâmica educativa, o professor desenvolve o saber da experiência, haja vista, como afirma Pimenta (1997, p. 07), “[...] os saberes da experiência são também aqueles que os professores produzem no seu cotidiano docente”, e é por meio da interação com os alunos, num processo permanente de ação-reflexão-ação sobre a sua prática, no seu ver-se como professor, que contribui para construir a sua identidade de educador.

Entretanto, parece ser evidente, considerando-se o pensamento do senso comum e que tem sido costume se fazer na Educação infantil, há muito tempo uma parte considerável da sociedade brasileira ainda centra-se no caráter assistencialista, ou seja, o cuidar. O zelo pelo bem-estar da criança é essencial para que esta possa se desenvolver nos seus aspectos físico, social, emocional

e intelectual. Dessa forma, é preciso que os educadores e os futuros professores tenham conhecimento que o cuidar e o educar são atos essenciais e inerentes, é um processo dinâmico e vice-versa, ou seja, cuidar e educar são indissociáveis para promover uma educação de qualidade. Para Nunes, Corsino e Didonet (2011, p.13) é possível chegar,

[...] ao lugar em que cuidar e educar não serão mais vistos como ações distintas que se relacionam e se complementam, mas gestos integrados de “cuidado- e - educação”, vale dizer, indissociáveis: o mesmo ato que cuida, educa, e o mesmo ato que educa, cuida.

Com relação à maioria das professoras, representadas pela entrevistada A, enfatiza-se que nos dias atuais a maioria das crianças são como “adulta em miniaturas”, se vestem como adultos, na escola não aceitam desenvolver atividades de acordo com a sua faixa etária, por exemplo: as cantigas de rodas são uma ação de aprendizagem educacional e cultural que proporcionam o desenvolvimento expressivo da criança, o equilíbrio, a autoestima e favorece a interação social, além de resgatar a cultura musical infantil agradável das cantigas de rodas enraizadas de geração à geração.

No entanto, a Professora A alega que as crianças não aceitam mais o gosto cultural infantil presente no âmbito escolar, enfatiza também que as crianças estão perdendo o verdadeiro encanto pelo mundo da imaginação, da infância e da inocência. Afirma que elas precisam voltar para seus lugares, para o centro da infância antiga, e deixar o mundo da modernidade, que muitas vezes não serve para elas, para um ser em construção que precisa de orientação e disciplina. Nessa perspectiva, a professora se refere ao fim da infância como uma característica da contemporaneidade, da pós-modernidade.

A Professora A, ao refletir acerca do termo criança, afirma: “Eu acho assim, que tá precisando eles realmente ser criança, viver realmente a infância, e não estão vivendo como eu vivi a minha”. Nessa concepção da Professora A, a infância seria algo que devesse ser estático, parado? Não! A infância não é um algo estático, nem tão pouco uma coisa que é sempre igual ou imutável, mas sim algo que está em permanente processo de transformação, de construção. Vale lembrar que historicamente o conceito de infância foi marcado por mudanças significativas. Antigamente a criança era vista como um adulto em miniatura, hoje entendemos a criança como um ser singular, em fase de desenvolvimento e com habilidades que a diferencia de um adulto.

Ao reportamos para a fala da Professora A, embora ela saiba o significado e a intencionalidade das cantigas de rodas para a flexibilidade e a facilidade da aprendizagem cultural das crianças, é importante ressaltar que o professor, enquanto peça fundamental no processo de ensino-aprendizagem das crianças precisa estar atualizada, inovando e buscando criar ou recriar as práticas pedagógicas, sua metodologia, visto que somos seres inacabados e estamos cercados, bombardeados de informações e de conhecimentos novos a todo o momento.

Dessa forma, a escola sendo um ambiente educativo, que permite o compartilhamento de saberes entre professor e os alunos, construindo laços de afetividade entre eles, considerando primordialmente os conhecimentos prévios dos alunos, ou seja, a realidade de cada criança inserida em sua sala de aula, o seu gosto musical, a maneira de como se vestem, são aspectos importantes para a formação da identidade pessoal de cada indivíduo. E o professor, no meio dessa transformação do mundo cultural e moderno, é o mediador, orientador e agente articulador das mudanças sociais que influenciam na identidade pessoal da criança e na sua prática diária profissional.

A ORGANIZAÇÃO E A FUNDAMENTAÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DAS PROFESSORAS ENTREVISTADAS.

Na busca de compreender o desenvolvimento da prática pedagógica em sala de aula, perguntamos as professoras entrevistadas como organizavam as suas aulas no geral. Percebe-se nas falas de todas as entrevistadas que existe uma organização em sua sala de aula para que possam desenvolver a sua autonomia profissional e para manter o controle das atividades que irão acontecer durante a aula. As professoras apresentam uma rotina que pode ser entendida como uma categoria pedagógica, com o intuito de facilitar e auxiliar o seu trabalho educativo, além de promover um atendimento de qualidade às crianças. A esse respeito à Professora D afirmou o seguinte:

“Minhas aulas são, segue uma rotina, elas são organizadas assim: tem a parte inicial, onde a gente tem uma conversa, tem a oração, tem a parte para a gente cantar, eles gostam muito de cantar, tem as partes que a gente canta, dança, no início da aula. Depois tem a parte onde a gente trabalha com as historinhas, todo dia eu gosto de trabalhar com uma historinha que seja diferente para eles, trago uma visão diferente, uma coisa diferente para a vida deles”.

A educadora, ao estabelecer uma rotina, vê a criança como um ser histórico e social, apto a desenvolver suas curiosidades, afetos e sentimentos e sua identidade cultural. As suas aulas acontecem por meio do planejamento e, na escola em que trabalha os professores, embora tenham autonomia para buscar e trazer novidades para a prática pedagógica ficam de certa forma limitados, visto que são obrigados a seguir o planejamento estabelecido pela instituição de ensino em que trabalham. É o que ressalta a Professora D ao afirmar:

Eu participo, todos os professores tem que participar do planejamento, ai é semanal o nosso planejamento, sempre acontece no dia da semana, geralmente são na segunda feira, toda semana a gente tem um planejamento das aulas, dos eventos. Assim eu tenho os planejamentos das aulas, do que a gente pode trazer naquele dia, cada professor fica livre a critérios de aula, mas a gente segue o planejamento adotado pela escola. Ai tem os planejamentos das aulas, tem o planejamento do cotidiano, o que a gente pode trazer de novo para cada.

Esse planejamento acontece em horário oposto aos das suas aulas, permitindo aos professores maior disponibilidade, flexibilidade e autonomia para elaborar as atividades pedagógicas e resolverem os eventos de datas comemorativas existentes na sala de aula.

Perguntadas as professoras sobre se planejam todas juntas e se havia uma relação com os outros professores, a Professora D respondeu: “Tem, a gente faz o planejamento semanal com todos os professores, são pontos adotados com a coordenadora da escola, a gente faz os pontos que tem que ser tratados”. Então, os planejamentos acontecem através da interação com todos os professores que trabalham no interior da instituição de ensino e é por meio dessa socialização, da troca de informações e de saberes pedagógicos entre os colegas de trabalho durante o planejamento que o educador vai construindo a sua identidade profissional, haja vista que o planejamento é a antecipação à sua prática, prevendo as ações necessárias para obter os resultados esperados do processo de aprendizagem das crianças.

Assim, como afirma Hora (1994, p.51) “[...] o planejamento participativo, que pressupõe uma deliberada construção do futuro, do qual participam os diferentes segmentos de uma instituição, cada um com sua ótica, seus valores e seus anseios [...]”.

A Professora D relata também que todos os dias buscam trabalhar com materiais didáticos diferenciados para proporcionar às crianças aulas relacionadas com as situações que envolvam a sua realidade local, tais como: a ética, os valores morais, o respeito, aspectos essenciais para a

construção do indivíduo enquanto cidadão, que precisa das relações sociais e da socialização para se desenvolver como ser humano e social.

Já a Professora A, embora relate também sobre o planejamento e a sua rotina em sala de aula, enfatizando sobre o ensinar e aprender, ou seja, ao mesmo tempo em que a professora ensina algo para as crianças, esta também aprende junto com elas, há o partilhamento de conhecimentos. As aulas acontecem por meio da ludicidade para melhor compreensão na aprendizagem das crianças. Essa professora salienta: “[...] porque hoje a criança está além da idade delas, e fazem cada pergunta de você ficar arrepiada, então o lúdico, eu acho a ludicidade ajuda muito na aprendizagem”.

A Professora A aborda a relevância do professor pesquisador. Nessa perspectiva, o profissional docente competente é aquele que tem o interesse de buscar conhecer o novo, de procurar, de criar inovações que contribuam para a sua formação e, conseqüentemente, para melhorar o processo educativo no âmbito escolar. No ambiente de ensino, o professor tem como eixo norteador da organização do espaço escolar e das atividades pedagógicas o planejamento, em sala às vezes, quando esse planejamento não dá certo em um determinado dia de aula, o profissional pesquisador deixa de ser um mero técnico, e passa a ser produtor de conhecimento, ou seja, autor de sua ação educativa. É o que afirma a fala da Professora A: “[...] eu fico encantada, eu sou encantada com a Educação, precisa melhorar, precisa, mas depende de cada professor, [...] se não for um professor que gosta de ler, pesquisador, ele não sai do lugar, fica na mesmice, todos os dias o professor tem que inovar”.

Desse modo, saberá promover uma aula prazerosa e agradável, sabendo que para ensinar não existe uma receita pronta, mas sim depende do mediador com formação específica para atuar em seu ofício. Sobre essa situação, a Professora A ainda fez a seguinte alegação:

Nesse sentido, o professor ao sair da mesmice, que busca conhecimentos, atualização, das suas práticas, e metodologia reconstruindo a sua identidade profissional, pronta para ajudar com as necessidades educacionais reais dos seus discentes. você não pode esperar no planejamento não, você faz o seu planejamento, mas às vezes a aula se torna tão prazerosa, e se você não pesquisar, se você não buscar conhecimento para você passar para seus alunos, você não consegue dá aula.

No entanto, a essa compreensão, Freire (2013, p.89) mostra que: “O professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força para coordenar as atividades de sua classe”.

AS ATRIBUIÇÕES À UNIVERSIDADE E AS CONTRIBUIÇÕES DESSA INSTITUIÇÃO PARA A SUA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOCENTE

Ao perguntar para as professoras entrevistadas como essas relacionam a sua formação na universidade e o seu trabalho como professor, com a finalidade de compreender se a sua formação inicial contribui para o desenvolvimento do seu trabalho, a Professora D relata que sente satisfação e agradecimento ao lembrar-se da sua trajetória na universidade. Isso porque foi esse ambiente que lhe proporcionou acolhimento pessoal, por meio da relação construída com os professores da universidade, além da aquisição de conhecimentos científicos e práticos essenciais para a formação inicial e continuada, que são inerentes à identidade profissional do professor da Educação Infantil. Essa professora afirmou: “Eu procuro sempre levar tudo aquilo que os professores me possibilitaram de conhecimentos na faculdade pro meu cotidiano na sala de aula como professora, e eu acho fundamental você não se esquecer desses ensinamentos, porque às vezes você mesmo entra em conflito com sua carreira”.

Ela enfatiza também que os ensinamentos apreendidos no universo acadêmico não serão esquecidos, já que contribuem para nortear a construção do seu perfil institucional no âmbito escolar e para a criação e recriação da sua prática pedagógica. Assinala a professora: “Então eu procuro tratar os conhecimentos adquiridos com eles, graças a eles, eu tenho uma cabeça bem mais aberta para a área da educação, é que eu tento levar para sala de aula, eu tendo fazer com que tudo que eles me ensinaram valham apenas mesmo”.

Esta faz um alerta importante para os futuros e atuais professores sobre a importância dos saberes adquiridos na universidade quando produz o seguinte relato: “[...] tem gente que esquece sabe, sai da faculdade esquece aquilo, mas eu acho, acho não, eu tenho a certeza que não deve ser esquecido nada nem um minuto, nem um não, que você pode levar aquele não talvez seja aquele futuro fundamental para sua vida, para sua historia, para sua carreira como docente”. Desse modo, a fala da professora apresenta a relevância da formação inicial, que é possível propiciar ao futuro professor subsídios para uma boa qualificação profissional, permitindo a construção de

saberes necessários para que o seu trabalho seja competente, além de proporcionar a compressão da relação teoria e prática, que é de fundamental importância para o trabalho docente.

Todavia, a maioria das entrevistadas, a exemplo da Professora A, não compreende que os conhecimentos na universidade sejam tão importantes para o desenvolvimento da sua prática pedagógica, alegando que os saberes acadêmicos ajudam, mas o primordial para ser professor acontece na vivência em sala de aula, no desenvolvimento da sua prática. Essa destacou o seguinte: “Eu sou bem sincera, não estou acabando com universidade nenhuma, mas eu acho assim, a gente não pode deter só a universidade, a gente tem que buscar, tem que pesquisar, porque o aluno hoje sabe do seu papel”. E a Professora E nos fez a seguinte afirmação: “A faculdade para mim não foi aquilo que eu pensava, que eu sonhava, eu não tive... o que eu aprendi, o que eu faço, o que eu pratico todos os dias é com a nossa prática”. Afirmações desse tipo não são incomuns. Tardif (2010, p.107-108) ao problematizá-las diz:

Ainda hoje, a maioria dos professores dizem que aprendem a trabalhar trabalhando. Esse aprendizado, muitas vezes difícil e ligado à fase de sobrevivência profissional, na qual o professor deve mostrar do que é capaz, leva à construção dos saberes experienciais que se transformam muito cedo em certezas profissionais, em truques de ofício, em rotinas, em modelos de gestão da classe e transmissão da matéria.

A experiência do trabalho docente em sala de aula exige domínio cognitivo, socialização, estratégias e a interligação com as outras modalidades de saberes da docência. Entretanto, é explícito na fala da professora uma importância muito grande dada à prática, deixando à margem a relevância das teorias, que são fundamentos internacionalizados que podem ser interpretados e aplicadas de acordo com sua prática no determinado contexto real e educacional de atuação docente.

A Professora E afirma que os textos acadêmicos estão guardados há muito tempo. Ela ressalta que a faculdade, a formação inicial docente, não contribuíram plenamente para a sua formação profissional. Isso porque ela relata que os textos, as teorias, não servem para subsidiar suas práticas pedagógicas em sala de aula, enfatizando que o que realmente é necessário, segundo ela, para ser professora da Educação Infantil, é a sua convivência, sua ação pedagógica diária compartilhada com os alunos. No sentido exposto, a Professora A também faz afirmação semelhante: “Mas eu acho que a prática, a vivência em sala de aula, você convivendo ali todos os dias você vai aprendendo, porque se eu fosse esperar pela faculdade, só a universidade, eu tenho

um monte de apostilha ali, mas elas estão ali guardadas, porque eu acho que a minha prática é mais em sala de aula”.

No entanto, embora a prática docente seja constituída por um conjunto de saberes, estes vão além dos conhecimentos específicos produzidos na experiência. A teoria, nesse caso, é colocada como elemento importante na formação do professor ao proporcionar reflexões e fundamentos para a ação contextualizada que servem como um mecanismo de avaliação para que o docente entenda os contextos históricos, culturas, sociais e a si próprios como professor da Educação Infantil.

Desse modo, é visível ainda nos dias atuais, ao se pensar na concepção das professoras, o desentendimento acerca da relação teoria e prática. Pimenta (1997) comenta sobre os saberes pedagógicos que são constituídos pelas práticas, que podem ser construídas ou reconstruídas ao longo da vida profissional do educador. No entanto, esses saberes não são somente gerados pela ação, mas também pelas ciências da educação mediadas na instituição de formação inicial.

Pensando sobre a relação teoria e prática, perguntamos para as professoras entrevistadas sobre qual a sua concepção sobre essa relação e, em seguida, pedimos para falarem um pouco sobre os autores que fundamentam suas práticas pedagógicas em sala de aula. A Professora D disse o seguinte:

Eu tenho aquela teoria e prática eu acho que elas andam sempre juntas, não tem como você fazer uma prática sem a você ter uma teoria anterior, e não tem como você efetuar uma teoria sem você ir para prática, então elas andam juntas e valem muito apena, você prestar muita atenção o que a teoria condiz.

E sobre os autores, fez as seguintes considerações:

Kramer, acho muito interessante sobre tudo o que ela fala, sobre como ela fala da Educação Infantil, eu estou muito focada na Educação Infantil, (risos, pausa...). É uma coisa assim que me dá prazer, tem Kramer que fala da Educação Infantil, tem Pimenta que fala da formação dos professores, tem Silva, tem... Agora fugiu um monte de autores da minha cabeça, mas são autores assim, que eu sempre procuro tá lendo, e sem contar os autores que eu sempre procuro está lendo. Revejo sobre os que dizem os referenciais curriculares, o que diz sobre as resoluções da Educação Infantil, então são assim, são autores, Leis e resoluções que vão me ajudar muito.

Sobre esse tema, a Professora F nos disse o seguinte:

A universidade foi muito bom para mim, assim, eu já era professora né, tem muita coisa na teoria que a gente não põe em prática, eu queria tanto ter

colocado wallon na minha sala, mais Montessori, pego muita coisa de Piaget eu vejo alguma coisa assim tem, mas a relação de fato acaba que ficando lá na faculdade, quando você vem para a realidade, você até esquece o que você estudou, você tem que está sempre, se fazendo capacitações, estudando, vendo, acaba que com o tempo, o saber de teoria se desfaz, principalmente quem vem para a Educação Infantil, mas que é bem importante, é importante você conhecer. (Professora F)

E sobre a relação teoria e prática, afirmou:

A teoria surgiu da prática, não foi ao contrario não, a prática da teoria, não, a teoria surgiu da prática, alguém primeiro viu alguém praticando, estudou e fez uma teoria daquilo.

Das seis professoras entrevistadas, somente duas demonstraram compreender que a teoria e a prática são elementos interconectados para o desenvolvimento do trabalho docente competente, enfatizando a importância das teorias na orientação da ação docente qualificada. Com relação aos autores que fundamentam suas práticas pedagógicas, essas professoras apresentam conhecimentos e apropriações acerca das resoluções, das teorias e conhecimentos dos pioneiros da educação Infantil que delinearão novas perspectivas para a educação das crianças, contribuindo para o desenvolvimento do caráter infantil e para a formação dos futuros educadores.

A Professora F, por exemplo, demonstra insatisfação ao explicar que há várias teorias que, embora sejam de grande valia para o desenvolvimento do trabalho na Educação Infantil, não podem ser colocadas em prática, alegando que não reconhece a oportunidade de adaptar as teorias para a sua realidade, ou seja, colocá-las em práticas com as crianças que compõem a sua sala de aula. É visível a lacuna existente na formação profissional docente dessa professora quando faz a afirmação seguinte: “A gente precisa de ter novas ideias. Vocês que estão saindo agora sabe muito mais que a gente, porque no meu tempo, há um tempo atrás quando eu terminei... mas ai nossa prática não deixa atrás de jeito nenhum”.

Todavia, quando perguntada sobre a necessidade de uma formação continuada mais qualificada, respondeu: “Sim, mais profunda, com novas ideias, trazer algo novo, diferenciada, lúdico”.

Ao olharmos para as respostas da maioria das professoras entrevistadas, essas deixam claro que tem conhecimento das teorias, afinal elas têm formação universitária, mas a questão é que muitas vezes não conseguem utilizar as teorias de acordo com as necessidades das crianças.

Entendem que a teoria surgiu da prática. Todavia, afirmam que na realidade não tem como fundamentarem as suas práticas.

Sobre a relação entre a teoria e a prática no processo de formação docente, Barreiro e Gebran (2006, p. 35) apontam que:

No campo de formação de professores (e das práticas), partilhadas das ideias dos autores que, ao se contraporem aos praticismos da ação docente, defendem que as práticas devem ser nutridas pelas teorias, num processo de ir e vir, que conduz à ação-reflexão-ação, na qual teoria e prática vão se constituindo, modificando-se e interferindo no real.

Dessa forma, o professor da Educação Infantil deveria ter autonomia intelectual para o saber, o saber fazer e o porquê fazer, e para isso é importante que o professor tenha uma formação integral, para que assim possa reconhecer as faces da Educação Infantil e trabalhar de forma qualificada, exercendo uma identidade profissional positiva.

Nesse sentido, a identidade profissional na Educação Infantil, enquanto processo de (re) construção, será sempre uma categoria inacabada, haja vista que, ao contrário, não teria razão de ser, pois a identidade profissional é um eixo norteador que envolve desde a formação inicial e continuada aos aspectos pedagógicos, pessoais e sociais que atuam na construção do profissional docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho de pesquisa, pudemos constatar que a identidade docente é um processo contínuo de mudanças, permeado pelas configurações sociais e pessoais do sujeito, possibilitando a construção ou reconstrução de si mesmo, em que suscitam constantes reflexões das experiências diárias do professor da Educação Infantil. Neste sentido, a identidade profissional docente constitui-se das opções que fazemos ou assumimos no âmbito da formação e do trabalho e pelos significados sociais, pessoais e profissionais que atribuímos à escolha da profissão e ao trabalho que realizamos.

Consideramos que essa pesquisa nos proporcionou uma maior compreensão acerca da identidade profissional do professor, por meio dos objetivos estabelecidos e alcançados, que foram analisar como se dá o processo de construção da identidade profissional de professores da Educação Infantil, entendendo que a construção da identidade docente se dá também pelas influências mútuas envolvendo os saberes, as atitudes, os valores e os conhecimentos teóricos, na elaboração de novos saberes produzidos pela ação do professor em sala de aula.

Desse modo, a formação está interligada com o desenvolvimento da identidade do professor e a construção da identidade profissional, visto que nos processos formativos, são consolidados os pressupostos e as diretrizes indispensáveis para o desenvolvimento da profissão docente. No entanto, podemos perceber através dos relatos das professoras entrevistadas que a ausência das políticas públicas, os problemas de baixos salários, intensa jornada de trabalho e, principalmente, falta de investimentos nas formações de professores, além de outros fatores que advêm na atuação de professores da Educação Infantil fazem com que a construção da identidade desses profissionais seja prejudicada.

Sobre o conhecimento acerca das práticas das professoras entrevistadas, que nem sempre as teorias as fundamentam, recorrendo-se aos saberes da experiência e neles apostando para a qualidade do seu trabalho. Assim, ficou evidente nos relatos das entrevistadas um alerta para a formação inicial, isto devido às dificuldades percebidas quanto à articulação necessária da teoria e da prática em determinadas situações em sala de aula, pois salientamos que a prática educativa é algo sério, uma vez que o professor ao lidar com as crianças participa ativamente da sua formação e do seu processo de conhecimento.

Nessa perspectiva, é preciso seriedade e união dos professores dessa modalidade de ensino para lutar e desmistificar a visão assistencialista ainda presente na Educação Infantil,

principalmente junto às autoridades, ao governo e, também, nas universidades, nos cursos de formação docente para alterar as representações sociais ainda vigentes a respeito da desvalorização do profissional da Educação Infantil. Desse modo, acreditamos ser possível construir uma nova imagem da profissão, contemplando a valorização do ofício docente, considerado importante como todas as outras profissões e para todas as profissões, uma vez que o professor é peça-chave na formação dos diversos profissionais, ou seja, ator essencial para o processo educativo e formativo das crianças.

Também averiguamos, a partir das análises das professoras entrevistadas, a definição que cada uma delas tem acerca de si mesma como professora, aspecto importante para compreendermos a identidade do professor da Educação Infantil construída e idealizada por si e pela sociedade. Verificamos como o professor se relaciona com o seu trabalho e, embora as professoras relatem que se sentem bem e felizes com a profissão, elas também afirmam que sentem a desvalorização social e cultural em ser professora.

Reafirmamos a relevância desse trabalho, pois através desta pesquisa percebemos que, atualmente, embora a Educação Infantil, bem como o conceito de criança passam por mudanças significativas, inclusive em caráter legal, algumas das condições de exercício na Educação Infantil precisam ser modificadas e efetivadas na política nacional, devendo-se prezar pela qualidade dos processos de qualificação dos profissionais, objetivando a melhoria das práticas educacionais endereçadas às crianças pequenas. Portanto, é necessário garantir o atendimento educacional adequado às crianças, visando-se o desenvolvimento da sua criatividade a partir de práticas pedagógicas competentes que primem pela ludicidade e pela participação ativa destas nos seus processos de aprendizagem, considerando-se as suas necessidades educacionais e a sua condição de sujeitos de direitos.

Para finalizarmos, chegamos à conclusão que, através da pesquisa bibliográfica e das entrevistas realizadas, pudemos observar e compreender que os objetivos aqui propostos para a concretização dessa pesquisa foram alcançados satisfatoriamente. Isso porque foi possível compreendermos o processo complexo, dinâmico e mutável da identidade profissional do professor da Educação Infantil. Este tem um papel social indispensável para o desenvolvimento da habilidade cognitiva, motora e afetiva das crianças.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. Campinas, SP: Papirus, 1999. (Coleção Papirus Educação).

ALVIS, Bruna Molisani Ferreira. Infâncias e educação infantil: aspectos históricos, legais e pedagógicos. **Revista Aleph Infâncias**. Ano V, n. 15, nov. 2011.

ANDRADE, Carla Lisbôa. **Dilemas e contradições sobre a concepção de infância presente no referencial curricular nacional da educação infantil-RCNEI.2015.242 f.** Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Educação- FACD, Uberlândia, Minas Gerais.

ARIÉS, Philippe: **História Social da Criança e da Família**. Tradução de Dora Flaksman. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro Lisboa: Editora 70, 1977.

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. Prática de ensino: elemento articulador da formação do professor. In: **Prática de ensino e Estágio Supervisionado na Formação de Professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para Educação Infantil**. v. 1. Brasília: MEC/SEC, 2006.

_____. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: n. 9394/96. Brasília, 1996.

BRZEZINSKI, Iria. **Profissão professor**: identidade e profissionalização docente. Brasília: Plano, 2002.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHIMENTÃO, Lilian Kemmer. O significado da formação continuada docente. In: CONPEF: Congresso Norte Paranaense de Educação Físico Escolar, 2009, Pará. **Anais...** Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/conpef/conpef4/trabalhos/comunicacaooralartigo/artigocomoral2.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

CONRAD, H. M. **O desafio de ser pré-escolar**: as ideias de Friedrich Froebel e o início da educação infantil no Brasil. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná (Dissertação de Mestrado em Educação), 140f. 2000.

DELORS, Jacques. **Educação**: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2000.

DUBAR, Claude. **A Socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Tradução de Annette Pierretir Botelho e Estela Pinto Ribeiro Lamas. Porto: Porto, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GONZAGA, Rúbia Renata das Neves. A importância da formação lúdica para professores de educação infantil. **Revista Maringá Ensina**, n. 10, p. 36-39, fev./abr. 2009. Disponível em: <<http://janainafx.blogspot.com.br/2012/12/o-ludico-os-beneficios-do-brincar-no.html>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HORA, Dinair Leal. **Gestão democrática na escola**: artes e ofícios da participação. Campinas, SP: Papirus, 1994.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: _____. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NÓVOA, Antônio. (Coord.). **Os professores e a sua formação**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

NUNES, M. F. R.; CORSINO, P.; DIDONET, V. **Educação infantil no Brasil: primeira etapa da educação básica**. Brasília: UNESCO, Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, Fundação Orsa, 2011.

OLIVEIRA, E. S. G. de. O “mal-estar docente” como fenômeno da modernidade: os professores no país das maravilhas. **Ciência & Cognição**, v. 07, p. 27-41, 2006. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org>>. Acesso em: 26 nov. 2015.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção Docência em Formação).

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de Professores: saberes da docência e identidade do professor. **Nuances**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 5-14, set. 1997.

_____. Professor reflexivo: construindo uma crítica: In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Elzanir; BRAGA, Ércilia. Biografia educativa na educação à distância: Estratégia formativa e de construção identitária no curso de pedagogia. **Revista Educação Pública**. Cuiabá, v. 24, n. 55, p. 55-77, jan./abr. 2015. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/viewFile/2171/1596>>. Acesso em: 14 set. 2016.

SILVA, Meire. L. **O papel do coordenador pedagógico enquanto agente articulador da formação continuada**. Bahia: Barreiras, 2011.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. O ofício, a oficina e a profissão: reflexões sobre o lugar social do professor. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 249-259, maio/ago. 2005. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a07v2566.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2015.

STOBAUS, C. D. ; MOSQUERA, J. JM .; SANTOS, B.S. Grupo de pesquisa mal-estar e bem-estar na docência. **Educação**, Porto Alegre, RS, ano 30, p. 259-272, out. Disponível em: <<http://revistaeletronicas.purcrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/3562/2787>>. Acesso em 5 set. 2016.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 10. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

APÊNDICE A



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



<i>Meses</i>	<i>Abril</i>	<i>Mai</i>	<i>Junho</i>	<i>Julho</i>	<i>Agosto</i>	<i>Setembro</i>	<i>Outubro</i>
Elaboração do projeto	X	X					
Coleta de dados			X				
Processamento dos dados			X	X			
Análise dos dados			X	X	X		
Escrita do relatório de pesquisa/ Monografia				X	X	X	
Defesa						X	

Wigna Begna Fernandes Garrido

APÊNDICE B



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



Roteiro de entrevistas:

1. Dados demográficos:

Idade: _____

Sexo: F () M ()

Qual o seu grau de formação acadêmica?

Magistério _____

Ensino Superior cursando _____

Ensino Superior incompleto _____

Ensino Superior concluído _____

Especialização. Qual _____

Mestrado. Qual _____

2. Perguntas Norteadoras:

Pergunta 1- Por que você escolheu ser professor (a)?

Pergunta 2- Há quanto Tempo você trabalha na Educação Infantil?

Pergunta 3 - Como você se sente como professor da Educação Infantil?

Pergunta 4 - Para você o que é, o ser criança?

Pergunta 5 - Como você organiza suas aulas no geral?

Pergunta 6 - Como você relaciona a sua formação na universidade e o seu trabalho como professor?

APÊNDICE C



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CAMPUS CAJAZEIRAS
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
ORIENTADOR: DORGIVAL GONÇALVESFERNANDES
ORIENTANDA: WIGNA BEGNA FERNANDES GARRIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezados e prezadas entrevistados (as);

Estou realizando a pesquisa de campo do projeto monográfico intitulado “A construção da identidade profissional de professores da Educação Infantil” O objetivo deste trabalho é analisar a construção da identidade profissional entre professores da Educação Infantil. Deste modo, solicito a sua colaboração na pesquisa concedendo-me a permissão de poder entrevistar-vos na pesquisa acima mencionada com a autorização de gravar e utilizar trechos de suas falas relativas às respostas às questões do formulário de entrevistas em anexo.

Esta pesquisa não lhe trará custos ou riscos e todas as informações serão mantidas no mais absoluto sigilo, quanto ao anonimato e confidencialidade de seus participantes/respondentes. Outrossim, informo que antes de finalizada a entrevista você pode se retirar da pesquisa a qualquer momento que desejar. Assim como, o entrevistado escolherá um pseudônimo para ser resguardado em suas informações prestadas/vinculadas no texto da monografia.

Concomitantemente, informo que uma vez prestada a colaboração na participação a esta entrevista, suas considerações serão tratadas de modo autêntico em relação a seus esclarecimentos na produção da monografia acima mencionada.

Desde já conto com a sua colaboração e agradeço a sua atenção e disponibilidade.

Cajazeiras-PB, _____ de _____ de 2016.

Assinatura do pesquisador: _____

Assinatura do Entrevistado (a) _____

Fone Responsável pelo Entrevistado (a): (83) _____

E-mail (caso haja): _____